



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

AUREA GOMES AGUIAR

**DOCUMENTOS DE VIDA: GRAFIAS, NARRATIVAS E
RASCUNHOS AUTOBIOGRÁFICOS DO DE VIR DOCENTE
EM ARTES VISUAIS.**

AUREA GOMES AGUIAR

**DOCUMENTOS DE VIDA: GRAFIAS, NARRATIVAS E
RASCUNHOS AUTOBIOGRÁFICOS DO DEVER DOCENTE
EM ARTES VISUAIS.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito de obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvia Carla Marques.

AUREA GOMES AGUIAR

**DOCUMENTOS DE VIDA: GRAFIAS, NARRATIVAS E
RASCUNHOS AUTOBIOGRÁFICOS DO DEVER DOCENTE
EM ARTES VISUAIS.**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em Artes Visuais da Universidade
Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito de
obtenção do título de Graduação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvia Carla Marques.

Defesa em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Silvia Carla Marques Costa
Orientadora

Prof.^a Msc. Marianna Carla Costa Tavares
(UFRN) Avaliador externo

Prof. Msc. Mauricio Remígio Vianna (UNIFAP)
Avaliador interno

Macapá, 30 de dezembro de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Cristina Fernandes– CRB-2/1569

Aguiar, Aurea Gomes.

Documentos de vida: grafias, narrativas e rascunhos autobiográficos do devir docente em artes visuais. / Aurea Gomes Aguiar; orientadora, Sílvia Carla Marques Costa. – Macapá, 2021.
69 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

1. Artes Visuais. 2. Ensino. 3. Práticas. I. Costa, Sílvia Carla Marques, orientadora. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

709.81 A283d
CDD. 22 ed.

Dedico este trabalho à minhas filhas
Cássia, Cláudia e Carla e para minha neta
Beatriz com todo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a pessoa que acreditou nesse trabalho e que me impulsionou a escrevê-lo, minha orientadora Dr. Silvia Carla Marques. Sem você não seria possível.

A Deus pela vida e força que me levanta todos os dias

A minha mãe Maria Benedita que me deu vida e cuidou de mim sempre.

Ao Walmir por sempre estar ao meu lado nos momentos difíceis.

A todas as pessoas que fizeram parte de minha história, pois sem elas eu não teria obtido experiências suficientes para chegar aqui.

“Se as imagens sobreviventes do mundo da cultura não se dão facilmente, as imagens da memória também não. Na memória, igualmente lidamos com um misto de imagens, espaços e tempos imbricados por reminiscência e ficção, imagem e imaginação, que nos atendem ressoando tanto evidências quanto enigmas”. *Carmem Lúcia Capra*

AGUIAR, Aurea Gomes. Documentos de vida: Grafias, narrativas e rascunhos autobiográficos do devir docente em artes visuais. 2020. 69. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais – Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, Macapá, 2020.

RESUMO

Este trabalho apresenta relatos de experiência na docência em artes visuais, problematizando as práticas pedagógicas, a formação em licenciatura e as intencionalidades que se enunciam no fazer ensino em Artes visuais. São analisadas memórias construídas ao longo dos anos como professora de Artes Visuais associadas à história de vida da pesquisadora, no interior do Estado do Amapá, passando por diversas localidades e municípios até chegar aos bancos da Universidade. A escolha metodológica se dá por narrativas e pretende dialogar com o leitor buscando apresentar a este os processos desenvolvidos para fomentar um ensino significativo que desse sentido a quem ensina e a quem aprende. Para sustentar essas narrativas, buscaram-se referenciais teóricos ligados à pedagogia e ao ensino de Artes visuais e destacou-se os aspectos relevantes direcionados ao ensino de Artes descritos pela Base Nacional Comum Curricular, na tentativa de dialogar com o documento e apresentar certas impressões do fazer ensino em Artes visuais.

Palavras-chave: Artes visuais. Ensino. Práticas. Memórias .

AGUIAR, Aurea Gomes. Life documents: Spellings, narratives and autobiographical sketches of the becoming teacher in visual arts. 2020. 69. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais– Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.

ABSTRACT

This research work presents reports of experience in teaching in visual arts, problematizing pedagogical practices, undergraduate training, and the intentionalities that are enunciated in teaching in Visual Arts. Memories built over the years as a Visual Arts teacher associated with the researcher's life history are analyzed, in the interior of the State of Amapá, passing through several localities and municipalities until reaching the University. The methodological choice is given by narratives and intends to dialogue with the reader seeking to present the reader with the processes developed to foster meaningful teaching that gives meaning to those who teach and those who learn. To support these narratives, theoretical references related to pedagogy and the teaching of visual arts were sought and the relevant aspects directed to the teaching of arts were highlighted, as described by the National Common Curricular Base, in an attempt to dialogue with the document and present certain impressions of the do teaching in Visual Arts.

Keywords: Visual arts. Teaching. Practices. Memoirs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente Vascular Cerebral
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EAD	Ensino a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
E.V.A	Etil, Vinil e Acetato
LIED	Laboratório de informática Educativa
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
PNE	Plano Nacional de Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
SEED	Secretaria de Estado de Educação
SEMA	Secretaria de Meio Ambiente
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	Serviço Social do Comércio
TNT	Tecido Não Tecido
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
UNIP	Universidade Paulista

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	14
2. MEMÓRIAS AFETIVAS.....	20
3. DESAFIOS DE SER PROFESSORA SEM DOCENCIA	24
4. DESAFIOS DE UMA PROFESSORA SEM DOCENCIA	29
5. METODOLOGIAS EXPERIMENTAIS.....	34
6. PRIMEIRA EXPERIENCIA NO MUNICIPIO DE AMAPÁ	37
7. SANTO ANTONIO DA PEDREIRA MEU AFETO	42
8. RETORNO AO AMAPÁ.....	47
9. BREVE MOMENTO NO MUNICIPIO DE PRACUÚBA.....	53
10. NOVOS CAMINHOS.....	56
11. APRENDENDO E ENSINANDO EM OIAPOQUE	60
12. EXPERIENCIAS E ENCONTROS	63
13. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	71

1. APRESENTAÇÃO

A criação desses textos são processos autobiográficos que guardam e atravessam meu corpo como órbitas desviantes no epicentro do que estou me tornando. Professora de artes visuais. O cotidiano repetido, o estado de suspensão, os momentos de intimidade e isolamento, me vi procurando e me perdendo nos vários momentos de tentativas de sobreviver a este mundo. A sensação de sermos corpos sós e ao mesmo tempo corpo coletivo emaranhado nas biogeografias de vulnerabilidades.

Como aluna do curso de artes visuais da Universidade Federal do Amapá me lanço na produção de pesquisa, especialmente o trabalho de conclusão de curso lançando meu corpo nas experimentações que vivenciei ao longo de minha trajetória para me tornar professora e, mais para compreender-me como alguém, pessoa que a todo o momento vive em aprendizados.

As minhas grafias aqui vêm impregnada de um momento muito particular, estamos vivendo uma pandemia mundial. E em isolamento me pus a lembrar minhas andanças pelo Estado do Amapá e compor uma narrativa desse processo que se faz contínuo em fluxos e reformulações interpretativas. Assim, meu corpo se lançou a rascunhar esses momentos vividos com intenção da inscrição performática que se refaz pela autobiografia. São minhas proposições narrativas, criando subjetividades ou as intensificando quando penso em minha trajetória de vida e no vínculo com a formação da vida docente.

Nesse trabalho de pesquisa me permiti também não só narrar, mas citar subjetividades dissidentes sobre o processo de compreender as coisas que me aconteceram e também ressignificar tantas outras para acessar um mundo possível de criação de si. Processo de pesquisa que levam em consideração a criação de subjetividades sensoriais dissidentes. Insisto.

A pesquisa, portanto, faz uso metodológico da dimensão sensorial empírica, autobiográficas e ficcionais que produzam rachaduras e rasgos nas relações hegemônicas de compreender a docência. A dimensão sensorial estética da vida e

sobretudo deslocamentos conceituais acerca do gênero em potências micropolíticas de existência. Posso dizer a revelação de uma cultura filógina¹.

No início do ano letivo de 2020, no finalzinho do mês de fevereiro, antes da Pandemia, estava fazendo a disciplina Estágio Supervisionado I, ofertada no curso de Artes Visuais pela UNIFAP e tínhamos como professora a Dr. Silvia Marques. No dia 14 de março de 2020, foi assinado pelo prefeito de Macapá o primeiro decreto de restrições a encontros públicos e privados e ao cancelamento das aulas na rede pública. Os dias seguintes foram de informações sobre a corona vírus e as medidas e cuidados pessoais para não o contrair.

No decorrer dos primeiros meses de isolamento social, surgiu a insatisfação com a paralisia que o momento nos trazia e foi então que a professora Dr. Silvia entrou em contato pelo grupo de WhatsApp da turma de Artes Visuais/2017 para que nós acadêmicos construíssemos cartas com memórias e também sobre o momento que estamos passando e, assim surgiu esta primeira carta.

As memórias descritas na primeira carta deram início a um diálogo com a professora sobre a construção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, onde a referida seria também minha orientadora. A proposta era falar da experiência docente no meio rural, interior do Estado do Amapá.

Para Silvia Marques:

“A pesquisa bibliográfica coloca quem narra no centro da compreensão e percepção do mundo. A pesquisa bibliográfica explora e expõe o ponto de vista de quem fala e de como se constituiu como sujeito ativo na vida. Assim, fazer a relação entre a história bibliográfica, os acontecimentos situados vividos por esse sujeito ativo que pensa e age no espaço é entender que o social, o pensamento íntimo e a interpretação seja a possibilidade real de tomada de voz de autonomia e da “liberdade” da existência”. (MARQUES 2020, CONVERSA WHATSSAP)

Nessa inspiração/orientação e fascínio da minha parte acerca da narrativa autobiográfica, iniciei meu processo de mergulho científico narrativo. Procurei entender o objeto de estudo nas relações entre o que eu pude observar e sentir com o social e o impacto na minha vida, sabendo que a memória é um dispositivo substantivo que contorna argumentos, justificativas e posicionamentos, sobretudo

¹ VER Rago 2007

considerando a experiência situada na interação reflexiva com teorias, conceitos e teóricos.

As memórias guardam nossos afetos, nossa percepção e entendimento sobre e através das nossas histórias. Pois o caminho percorrido para tornarmos o que somos nos alicerçam com experiências de vida.

O que vivemos no decorrer do tempo, sejam frustrações ou alegrias formam nosso caráter, nossa visão e posicionamento no mundo. Impregnada de recordações me lanço a este trabalho, que a primeiro momento surge de uma breve relação afetiva para uma reflexão do meu fazer docente. O que fiz como professora, o que fizeram de mim ser professora?

A construção de onze cartas, relatos vem carregada de afeto pelo trabalho que desenvolvi quanto professora de artes visuais no interior do Estado do Amapá, antes de adentrar a academia em 2016.

A primeira vez que entrei em uma sala de aula comecei a colecionar recordações e experiências e a partir daquele dia posso dizer que a cada momento que entro em sala de aula trago mais recordações e experiências para meu fazer docente.

Como professora de Artes Visuais entendo que a memória é um ponto fundamental para ser explorado no ensino, pois guardam nossos afetos e ao mesmo tempo nossas vivências socioculturais.

O ensino não deve ser apenas abordar a história e os conhecimentos científicos, somos humanos e como humanos, devemos fundamentar as experimentações científicas a partir de nossas vivências sociais para que essas ganhem significado na realidade.

Na primeira carta, intitulada “memórias afetivas” trato de minha primeira experiência de impacto ao chegar como professora “novata” na vila de Santo Antônio da Pedreira AP; como encarei a experiência de precariedade na acolhida de professores que são destinados a trabalhar no meio rural e suas relações com a comunidade. A solidão e os entraves através de um relato romantizado promovido pelo reencontro com um homem com quem me relacionei naquele momento que me encontrava como professora na vila de Santo Antônio.

A Segunda carta, “Desafios de ser professora sem docência” relato a experiência de ministrar aulas sem possuir a licenciatura plena em algum curso, pois

na época me sentia perdida por isso o título da carta remete a uma professora não docente, sem as “regras do jogo”, porém capaz de produzir ensinamentos e aprendizados e compartilha-los em sala de aula e humilde o suficiente para reconhecer que poderia aprender com os colegas habilitados e experientes. Ainda nesta carta trago como temática os desafios e percalços de ser mulher, negra e mãe solteira e como isso impacta nas relações sociais dentro e fora da escola mesmo no papel de professora.

A terceira carta, continua com o título “Desafios de ser professora sem docência”, pois relato as dificuldades que enfrentei sem ter licenciatura em artes visuais e me ministrando aulas apenas com a habilitação em suficiência em Artes visuais. Em outras palavras, fui para a sala de aula “nua e crua” como dizemos aqui no Norte, desprovida de experiências e didáticas para me auxiliar e cheia de expectativas de encontrar subsídios no Programa Curricular da Secretaria de Estado da Educação – SEED, o que não aconteceu. Mesmo com essas dificuldades procurei fazer o meu melhor.

A quarta carta, “Metodologias experimentais”, relato os meus métodos de ensino, como buscava me adaptar ao cotidiano da escola e a busca por um ensino significativo, um ensino que tivesse sentido para meus alunos, um aprendizado que legitimasse as experiências culturais vividas por eles e que encontrasse no ensino de artes um valor a identidade cultural vivenciada por eles e por mim naquele momento.

A quinta carta, “Primeira experiência no Amapá” relato as experiências de interferência das “pequenas guerras” por espaços de poder no espaço escolar e as consequências no direcionamento do professor em sala de aula. Nesta carta ressalto que “difamar” um professor tem consequências graves, pois o professor é um ser humano e lida diretamente com a comunidade quando está em sala de aula e a visão tanto da comunidade, quanto da própria escola vai repercutir em sala de aula positiva ou negativamente no comportamento dos alunos. Uso das palavras de Correia e Matos citados GOMES 2016 p.178 que diz que apesar da comunidade escolar estar com olhos encima do professor este se sente só; porque esses olhos não são no sentido de aprovar ou colaborar no processo de construção do ensino, pelo contrário esses olhos procuram, vasculham as falhas, os erros e até a conduta fora do espaço escolar torna-se motivo para “pilhar” a imagem do educador frente aos alunos e a própria comunidade escolar. Essa conduta desumaniza o professor que passa a ter o

status de máquina reprodutora de conhecimento e não um ser humano que dialoga e propicia espaços de troca de conhecimento.

A sexta carta “Santo Antônio da Pedreira meu afeto”, descrevo como foi meu retorno a Vila de Santo Antônio da Pedreira e de como me senti acolhida naquela comunidade. Nesse retorno a pequena vila de Santo Antônio com um pouco mais de experiência pude utilizar com mais liberdade do ensino de artes visuais, vislumbrando um ensino mais leve e com mais propostas de criação por parte dos alunos, naquele momento o ensino de arte não precisava ter um sentido e sim ter a liberdade de criar sentidos para que os alunos explorassem a imaginação criadora e até um simples bolo gigante desse um sentido novo ao que era visto e percebido por eles.

A sétima carta, “Retorno ao Amapá” relato muitas coisas, porem ressalto a experiência com o Ensino de Jovens e Adultos – EJA, utilizo das vivências de alunos jovens e adultos para promover o ensino de artes com base em experiências sociais vivenciadas por estes alunos. Nesse sentido a aula passa a ser um diálogo de acontecimentos repletos de afetos e emoções compartilhadas por esses alunos através de fotografias, desenhos, escritas e até músicas passam a ser exploradas no processo de ensino e aprendizagem.

Na oitava carta, “Breve momento no município de Pracuúba” descrevo as dificuldades de professor ministrar aulas atrasadas em curto espaço de tempo e apresento a alternativa de se trabalhar com projetos de forma que o aluno estude teorias e utilize de atividades práticas que promova aprendizado, fortalecimento de sua identidade cultural e desenvolvimento da criatividade.

A Carta de número nove, “Novos Caminhos” descrevo o retorno ao ano letivo em Amapá, onde passei cinco anos como professora de Artes Visuais, as novas práticas com projetos de ensino, o uso do laboratório de informática para a produção dos alunos e em especial os eventos da escola que agregavam a comunidade do entorno e promoviam além do evento um espaço significativo de aprendizado para o aluno nas práticas sociais. As atividades promovidas nos eventos da escola produziam efeitos visuais que eram utilizados no ensino de artes e também valorizava a cultura local.

A décima carta, “aprendendo e ensinando em Oiapoque”, nesta descrevo a dificuldade de se abandonar uma escola no meio do ano letivo e ir para outra escola, com defasagem de anos sem professor de artes visuais e começar do meio do ano

um ensino que deve abranger um ano letivo de quatro semestres. Apresento as dificuldades de se trabalhar em um Distrito Militar com normas de segurança e relação de autoridade militar sobre o espaço trabalhado. Descrevo ainda o papel do professor, afirmo a importância do ensino de artes mesmo nas escolas mais longínquas e falo sobre a exclusão de alunos dito “problemas” na prática educacionais daquela região.

A carta décima primeira, última carta, intitulada “experiências e encontros” descrevo a minha entrada no curso de Artes Visuais, realizando o sonho da licenciatura em arte, aos 43 anos de idade, doze desses em sala de aula. Minha surpresa ao perceber a diferença e que tinha tanto a aprender. Não descrevo na carta, mas ouço todos os dias que a universidade é espaço para jovens e mesmo assim continuo aqui, desfrutando do conhecimento que este espaço é capaz de promover, as vezes caminhando, outras me arrastando, com medo de ser jubilada, pois luto com meus afazeres e deveres extra estudos. Nesse último relato, apresento minhas impressões sobre a dinâmica atual do mundo globalizado, aqui representado pelo conhecimento e como cada vez torna-se mais difícil e desafiador o ato de ensinar.

Atualmente por conta a pandemia o professor se torna um “mediador digital”, pois para não para o processo de ensino aprendizagem e não deve se conformar ou estagnar frente ao novo obstáculo que é o distanciamento social, o professor se lança as plataformas digitais para ministrar aulas online, há precariedades pois é algo novo, inédito para nós aqui na Amazônia Amapaense, que tem uma das piores internet do país e que além disso, tem uma população carente e sem acesso amplo ao conhecimento das mídias digitais, e mesmo assim está se adaptando, se reconstruindo a partir desse novo modelo de ensino.

2. MEMÓRIAS AFETIVAS

Recordações 1

Em 20/06/2020

Escrevo esta memória num momento de isolamento social, como refluxos de sentimentos perdidos e que nunca pensei em voltar a lembra-los.

Ano passado, longe da ameaça do corona vírus sempre as três da tarde ia para a academia e em um dia chuvoso me abriguei no ponto de ônibus quando alguém desceu e veio ao meu encontro chamando-me pelo nome. Respondi que sim, era Aurea.

Olhei aquele homem sorridente, como se tivesse encontrado algo perdido, me assustei ao lembrar do quanto fomos íntimos e quando ele perguntou se eu estava casada, saí quase correndo. Não por medo, mas me senti constrangida e pensei em não dar satisfação, porque daria a um estranho?

Sim, estou casada a 17 anos, sem reclamações ou queixas. Vivo uma vida segura e bem resolvida e confortável.

A única coisa que lembro desta conversa é que ele mora próximo de minha casa e frequenta a panificadora em frente à minha casa, porque já havia me visto por lá, eu sinceramente nunca o vi naquele lugar.

Certo dia, o mesmo homem aparece na panificadora, eu estava entrando no portão de casa e minha filha notou ele me olhando com um sorriso tão largo, feliz, ela me perguntou quem era? E falei que foi um namorado que não via a pelo menos 20 anos.

Ela quis saber mais e eu fiquei sem ter o que dizer. Não lembro do nome, nem como foi que terminamos. Lembro de beijos, abraços, carinho, lembro daquele sorriso fácil, lembro que ele é enfermeiro; nada mais lembro.

Não sei seu nome, seus gostos, suas manias...

Desses infortúnios da vida veio à pandemia, quarentena, isolamento e o medo de perder meus entes queridos, meus amores.

Fiz uma cirurgia três dias antes de ser decretada a quarentena no país, os primeiros dias foram de muita preocupação, logo depois adoeci, assim se passou pelo menos 40 dias.

A mente é algo incrível, nos primeiros dias de isolamento ficava pensando em como proteger todos em casa... Como proteger minha sogra de 90 anos, meu marido incrédulo e desobediente com as medidas de isolamento social, minha mãe a cinco quadras de casa, meu irmão com saúde totalmente comprometida.

Depois, precisava relaxar, esquecer os problemas que todos enfrentamos, comecei a viajar no tempo, lembrar de coisas e pessoas de forma aleatória.

Lembrar é viajar no tempo!

Percebi que pensava muito na vila de Santo Antônio onde morei com meu marido e filhas... Porém as lembranças eram anteriores a isso pelo menos uns três anos, quando fui pela primeira vez trabalhar como professora e conheci aquele homem que me abordou na parada de ônibus.

Isso ficou na minha cabeça e aproveitando o tempo livre de isolamento passei a exercitar minha memória na busca de quem realmente foi aquela pessoa para mim

O romance, que não foi realmente um namoro começou quando fui contratada para lecionar em uma vila no interior de Macapá chamada Santo Antônio; era meu primeiro trabalho como professora e junto comigo foi mais um professor.

Chegamos na vila em um dia quente, a promessa e que ficaríamos alojados na escola com outros professores, para minha surpresa não havia vaga no alojamento feminino e fiquei com o professor de inglês dividindo uma casa abandonada, por alguns dias. O professor de inglês ia embora na mesma semana que cheguei e eu ficaria sozinha por pelo menos quatro meses na casa.

Em resumo, não tínhamos muito para viver naquele lugar inóspito, as refeições eram servidas na escola e fim de semana era bem complicado comer na casa de pessoas estranhas.

Conheci o enfermeiro andando pela vila, logo passamos a andar juntos, vivíamos no balneário, passando o tempo.

Eu e o enfermeiro passamos a conversar e andávamos juntos com o professor e outros jovens da vila.

Meu tempo se dividia entre escola e o balneário onde passava o tempo entre conversas e banhos de rio.

Nossos fins de semana eram entediantes, eu e o professor geralmente passávamos o fim de semana bebendo pra poder dormir e o enfermeiro se juntou a nós. Não precisava de muita bebida para nos alegrar.

Começamos a nos aproximar para afastar os interessados em nos assediar. Quando percebi estávamos vivendo um romance sem compromisso. Era uma relação leve, sem cobrança, muito bom.

O professor se tornou o confidente dele, ele queria algo sério, eu não queria compromisso, tinha 28 anos e duas filhas que ficaram na cidade pra eu trabalhar, estava separada e não queria viver nenhuma experiência parecida.

Era tão boa a companhia do enfermeiro, o colo, os beijos e o aconchego, mas sem compromisso.

Lembro-me daquele sorriso todo tempo em que estávamos juntos, acho que nunca o vi sério.

Quando nos separamos? Não sei ao certo... Sei que ficamos juntos por conta da solidão, de estar em um lugar longe de tudo que conhecíamos, convivendo com estranhos.

Esses dias fico pensando, não no romance, em paixões e sim como as pessoas passam pela nossa vida, ficam um pouco e se vão e as vezes nossa memória vai apagando, não por não ser importante, mais pela vida corrida que levamos, pelas prioridades que colocamos como metas, pelos amores que plantamos como raízes profundas e alicerces que chamamos de família.

Pensar nesse homem, faz lembrar da pessoa que eu era, como cheguei até aqui e me pergunto porquê e para que lembrar?

Eu mesma respondo: Para suavizar momentos difíceis como o que passamos. Para continuar a nos sentirmos vivos.

Esquecer é a morte de sonhos, planos e desejos, é se tornar árido e vazio e abrir espaço para a solidão.

Essas lembranças foram escritas para minha amiga e professora Silvia Marques, como parte do que somos e nos tornamos em isolamento.

Ao contextualizar essas memórias com o ensino de artes visuais percebo que:

As memórias são fontes de lembranças de acontecimentos significativos, elas são capazes quando acionadas de promover sensações, emoções e sentimentos ao indivíduo.

Falar desse momento de chegada a vila de Santo Antônio da Pedreira, fez eu entrar em contato com sentimentos, emoções contidos em recortes de lembranças e

a imagem que surge de minhas memórias e de algo que foi permitido à minha experiência de vida.

Através de imagens podemos acionar nossa memória e entrar em contato com nossas vivências da infância, juventude e com nossas raízes socioculturais.

Sendo assim, tomo minha própria experiência como ponto de partida para falar sobre a memória no ensino de arte. E afirmo que a memória tem grande contribuição para o ensino, pois nela carregamos afetos e sentidos que dão significado à vida.

De acordo com Meira e Pillotto (2010, p.24 apud Souza e Zamperetti 2019 p.3) Para a maioria das escolas, o saber intelectual é que vai garantir sucesso no mercado de trabalho. Nesta perspectiva, vale apontar que ensinar e aprender pela via da razão separada do afeto e do sensível não satisfaz as condições necessárias a uma formação integral.

Nesse sentido, o aprendizado não é significativo, pois rompe com a dimensão sensível do aprender e torna este mecânico, apenas conteúdos para uma formação profissional e não uma formação integral capaz de transformação do indivíduo e a partir deste a sociedade.

Para Souza e Zamperetti (2019 p.4) “Afeto e conhecimento não devem ser pensados separadamente um do outro. O conhecimento como algo a ser construído, se for trabalhado do ponto de vista dos afetos, produzirá sentidos aos estudantes contemplando as dimensões cognitiva e intuitiva”.

Nesse sentido, vejo a memória como parte relevante a ser trabalhada no ensino de artes, pois esta captura os afetos ao longo da vida e a imagem nos trazem essas memórias onde podemos recordar, dialogar e sentir e sobre tudo criar poéticas significativas.

Como essas memórias que aqui relato, dá sentido a minha trajetória de vida; a memória criativa e afetiva explorada através do ensino da arte dará sentido ao aprendizado de professores e alunos.

3. DESAFIOS DE SER PROFESSORA SEM DOCENCIA

Recordações 2

Macapá 23/06/2020

Para falar de minhas experiências em sala de aula, preciso falar de como tudo começou. Não queria ser professora, comecei meu ensino médio fazendo secretariado, depois mudei para o ensino médio não profissionalizante.

Engravidei e meu marido me deixou quando minha filha tinha apenas cinco meses, foi muito difícil pra eu aceitar a separação violenta chegando à agressão física. Antes de voltar para a casa de meus pais, morei em vários lugares com minha filha pequena; voltei para a casa de meus pais quando minha mãe foi diagnosticada com insuficiência renal. Eu estava sem perspectiva de nada na vida, ninguém notava o quanto me sentia humilhada e desprotegida.

Certo dia, minha prima Simone começou a falar comigo, diariamente me fazia visitas e passamos a conversar e ela contou tudo para nossa tia Silvia. Passei a frequentar com elas o centro espírita e a ouvir conselhos de outra tia que chamamos carinhosamente de Marilé que como tia Silvia era professora.

Sem ter o curso de magistério em 1994, fui lecionar como professora para o pré-escolar, foi uma experiência muito boa, tinha o acompanhamento da diretora, que me tratava como se fosse irmã, me senti acolhida pelas crianças. Até hoje a professora Vânia Meire Viegas é como uma irmã querida, além de ser uma profissional competente que está à frente de alguns projetos da SEED como o Pacto pela Alfabetização na Idade Certa. Não sabia muito, mas procurava aprender e observar as outras professoras, sempre procurava a orientadora pra me ajudar. O planejamento das aulas era feito em grupo por temas geradores.

As escolas naquela época já trabalhavam com teóricos como Piaget e Vigotisk, nossa escola trabalhava o construtivismo, tínhamos encontros semanais, era muito organizada a escola. Quando cheguei, a diretora Vânia estava fazendo várias mudanças e eu pude participar de muitas delas, como a construção do histórico da escola e dos encontros de formação que ela fazia na escola.

Havia na sala de aula os cantinhos, de leitura, de brinquedos, massinha, desenho. Ao chegar à escola fazíamos as filas para entrar na sala, já em sala formava-se a rodinha onde fazíamos as orações e cantávamos algumas músicas infantis,

conversávamos sobre o tema gerador da semana e íamos desenvolvendo a conversa e atividades no decorrer da semana.

Minha presença incomodava algumas professoras, dizia que era pelo fato de eu não ter formação na área, que eu era protegida e essas coisas. Para mim a docência tem sim muito de formação, mas por outro lado, como eu tão tinha formação buscava aprender, tinha vontade de fazer direito e a busca pelo conhecimento, pelo novo e leitura, muita leitura. Tive contato com muitos livros de teóricos como Jean Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro e outros que estudo hoje.

Eu sempre busquei fazer o meu melhor, mesmo enfrentando muitos desafios; como a falta de material, de livros e no meu tempo celular era pra rico e internet era sonho. Não é fácil ser discriminada por cor, por ser mãe solteira, trabalhar igual e ganhar menos. E isso acontecia nas escolas, a discriminação não acontece na escola apenas com os alunos como se fala; professores estão sujeitos ao preconceito e estão também na mira da aprovação tantos de seus colegas de trabalho como dos próprios pais de alunos. Trabalhar igual e ganhar menos é bem mais difícil, anda mais quando se é acusado de ter privilégios. Não tinha privilegio o que eu tinha era humildade de dizer que não sabia e coragem de buscar aprender.

Passei por tudo isso em seis meses que fiquei na escolinha. Minha tia dizia que era pra mim aprender e buscar fazer o magistério o mais rápido possível.

Até tentei, mas não tinha quem ficasse com minha filha e nem quem me sustentasse. Fui para Mazagão quando formaram as primeiras turmas de magistério, mas desisti pela distância e em Macapá não consegui vaga.

No curso de magistério vi muito professor despreparado, truculento, que tinham prazer no sofrimento do aluno, que não escutava o que o aluno falava; muitas vezes tive de intervir e mostrar aos professores que eles estavam lidando com jovens, com pouca experiência e que só conheciam o espaço que foram criados. Percebi que a cultura do aluno não importava para os professores que se achavam superiores por vir de uma cidade maior, já se sentiam cosmopolita e aqueles pobres alunos tinham de absorver os modos desses professores. E mais tarde seriam professores com os mesmos modos.

Logo depois que saí da escolinha que na época se chamava Tia Mariinha, apareceu os cursos de Suficiência e a amiga de minha mãe, vendo o que eu passava

foi me incentivar a fazer o curso e o dinheiro para fazer a matrícula na UNIFAP foi dado pelo meu irmão que também fez o curso.

Escolhi artes, tenho até os dias de hoje uma paixão por artes visuais, realmente me encanta, confesso que ainda hoje sei muito pouco, sou encantada pelas aulas e falas do professor Joaquim Neto, que dá um show em suas aulas.

Bem, voltando ao passado mais distante, fiz o exame de suficiência em artes, o mesmo durou cerca de 60 dias.

Comecei a tentar dar aulas, não consegui logo como imaginava. Como tinha alguns cursos de habilidades manuais, fiz um treinamento e trabalhei para o SEBRAE através de um grupo comunitário, onde íamos ministrar na zona rural cursos, como cursos de crochê, artesanato com jornais, pinturas em tecido, produção de massa de biscoito entre outros. Esses cursos duraram pouco tempo, logo mudou a política e acabou.

Engravidei pela segunda vez nesse meio tempo e o que já era difícil ficou pior, traumatizada pelo primeiro casamento e ouvindo de meu pai que só ia ter a minha primeira filha e ficar sozinha, decidi encarar uma gravidez independente. Fui morar sozinha com minhas filhas, no bairro Novo Horizonte, longe de tudo e de todos e lá comecei a trabalhar em uma escolinha particular, escolinha de bairro.

Nesta escolinha passei dois anos, o ensino era tradicional, mais incrível que as crianças aprendiam a ler e escrever, quando elas saíam da escolinha já estavam praticamente alfabetizadas.

Não havia cantinhos de interação. A escola se dividia em uma recepção e o salão onde todos entravam, formavam a rodinha, fazia as orações, cantava e sentavam em grupos de quatro por mesa, as atividades era como o uso direto do alfabeto e o silabário e ia evoluindo a partir da letra A. Relacionavam-se desenhos com as letras do alfabeto.

As aulas eram divididas da seguinte forma: a roda de entrada, o momento das atividades, lanche, escovação dos dentes, recreação, formação da roda, contação de histórias e diálogo livre com as crianças onde sabíamos o que entenderam das atividades, como foi em casa, o que gostavam, oração, músicas e saíam conforme os pais vinham buscar.

O diferencial estava em colocar as crianças com dificuldades como prioridade, havia para elas um acompanhamento diferenciado até se nivelarem. Essas foram minhas primeiras experiências de sala de aula.

A partir da prática entendi que o aluno precisa ser valorizado como pessoa, mesmo os pequenos; entendi que como professora eu tinha que ter afeto e a sensibilidade para lidar como os humores e sofrimentos dos outros, afinal nem sempre estamos num bom dia.

Não sei se fazia errado, mas nas duas escolinhas de series iniciais que trabalhei havia um rito a cumprir e as aulas eram planejadas com antecedência, o que nos dava uma segurança, se errei, não errei sozinha.

Estas lembranças são destinadas à minha amiga e interlocutora, como forma de passar o tempo e recordar a minha vida de professora sem docência no isolamento social da atualidade.

Nesse contexto de observar o papel da mulher, e os desafios de ser mulher, mãe solteira e negra no estado do Amapá percebi os preconceitos no qual todas são submetidas mesmo de forma velada.

Ângela Davis em seu livro “Mulheres, raça e classe² nos proporciona um vislumbre de como os inúmeros preconceitos existentes na sociedade se relacionam visando a sustentação das opressões. A partir da análise do exemplar torna-se possível entender que o preconceito se trata de destituir um ser humano da sua humanidade, um exemplo histórico é a escravidão no período colonial brasileiro, é muito claro enxergar como as pessoas pretas foram destituídas de sua humanidade e objetificadas. O mesmo acontece com as mulheres ao longo da história.

Trazer a tona esses preconceitos sofridos como mulher, mãe solteira e negra no Estado do Amapá é complexo, porque a impressão que passa é que a todo o momento todos veem que ele acontece, mas fecham os olhos, ignoram, só quem sente na pele sabe o que são os olhares, comentários maldosos e questionamentos sobre sua vida pessoal.

Quando se é jovem as especulações são até maiores e nossa defesa está sempre fragilizada, pois nem sempre queremos falar os “porquês” estamos sozinhas com um ou dois filhos, o que aconteceu para se chegar a essa decisão de criar os filhos sozinhas.

² VER Davis 2016

Percorrendo a história da imagem da mulher na arte, observamos o apelo à sexualidade em especial das mulheres negras hiper sensualizadas. Com seios expostos, e dando ênfase a formas de quadril e boca, ressaltando também nariz, mão e pés, desprovido desses de alma.

Trazer para a sala de aula, a partir de movimentos artísticos a imagem da mulher e através de planejamento e projetos trabalhar o papel da mulher na arte e o caráter político e de objetificação da mulher na sociedade e na arte, pode ser uma alternativa de derrubar essa problemática da relação de gênero.

Para o educador espanhol Fernando Hernandez em entrevista a Nova Escola “A escola, como toda instituição social, tem de dialogar com as coisas que estão acontecendo. O mundo atual não é igual àquele de quando nós ou nossos pais frequentaram a escola, portando os processos de globalização da informação e comunicação implicam que a escola reflita sobre sua função e seus objetivos. A escola tem de ser uma instituição que pensa constantemente nos saberes do passado que precisam ser recuperados, resgatados e conservados, além de agregar o presente”. (<https://emjardimpioneiro.webnode.com.br/news/entrevista-com-Fernando-Hernandez/> 24/02/2020)

Vou mais longe ao afirmar que, podemos através de projetos trabalhar problemáticas atuais que tem suas raízes no passado e que temos o dever como professores de artes visuais de discutir em sala de aula práticas do passado onde o preconceito era colocado em imagens e tratados como o “normal”. Temos que tirar a venda dos olhos e mostrar que nem sempre os mestres da pintura foram imparciais no trato da imagem representativa das mulheres e de grupos étnicos.

“Ao recorrer às artes enquanto metodologia ou maneira de investigar, buscando inicialmente se diferenciar da pesquisa qualitativa tradicional, as vertentes teóricas que propõem a realização de pesquisas educacionais com base nas artes – isto é, em “qualidades estéticas”, “elementos do design” etc. – parecem deslocar o problema das concepções de arte 2 Além disso, do ponto de vista de uma história do Ensino das Artes, ainda que pareçam atualizar um tipo de educação pelas artes, elas se diferenciam das vertentes que oferecem metodologias de compreensão das artes. Noutros termos, as artes não são mais o seu objeto de conhecimento. ((BARONE, 2006; BARONE; EISNER, s.d.; IRWIN et al., 2017; SPRINGGAY; IRWIN, 2005 apud HONORATO 2019).

Porem dialoga diretamente com as problemáticas sociais da atualidade e possui papel fundamental na representatividade e valorização da diversidade social. Podemos pressupor que o ensino das artes visuais será legitimado ao promover de forma multidisciplinar o enfrentamento de questões sensíveis a sociedade atual.

4. DESAFIOS DE UMA PROFESSORA SEM DOCENCIA

Recordações 3

27/06/2020

Como falei na carta anterior, trabalhei dois anos na escolinha do bairro Novo Horizonte.

Quando sai, tentei fazer uma escolinha para mim, mas não deu certo. O Novo Horizonte é um bairro periférico, os pais queriam me pagar com o trabalho deles, ou seja, tinha pão, cuscuz, arroz da roça, toalhas de crochê e tudo o quanto eles produziam. Como a escola não era em minha casa, tinha de pagar aluguel, conta de luz e outros gastos com materiais, além de uma ajudante. Não tinha como ir em frente.

Foi quando conheci o Presidente das Associações dos Bairros de Macapá, e através dele consegui meu primeiro contrato com o governo do estado no ano de 2002.

O Exame de Suficiência dava direito a lecionar em locais onde não houvesse professores licenciados, sendo assim, os locais onde trabalhávamos não eram acessíveis e nem um pouco simpático.

Assim, consegui meu primeiro contrato administrativo para ministrar aulas de artes visuais no interior, na vila de Santo Antônio da Pedreira, não era tão longe de Macapá, mas o acesso era difícil por não ter asfalto e as pontes de madeira estavam sem condições de tráfego, havia na estrada buracos que engoliam um carro, poeira para todos os lados e o único carro que fazia viagem regular era o carro de lixo, que também transportava os professores por cortesia.

Minha primeira viagem foi no carro do presidente das associações, Sr. Robson Bastos, em uma viagem muito difícil. Na Vila fui apresentada ao Diretor da Escola Daniel de Carvalho, o Diretor Adilson e ao presidente da comunidade o Sr. Amiraldo.

Descobri que havia estado lá algum tempo atrás, quando minha cunhada Irani foi trabalhar como secretária, tinha uma senhora amiga, dona Dica, que chamava carinhosamente tia Dica, ela era um amor, convivi com ela muito tempo depois, até o fim de sua vida.

Após a apresentação tinha o prazo de uma semana para voltar e colocar em dia as aulas atrasadas.

Voltei para casa com o prazo de uma semana para conseguir fazer toda uma organização de materiais para as aulas. Fui à biblioteca pública e não havia quase nada, biblioteca da Unifap também não tinha muita coisa que ajudasse.

Consegui algumas apostilas e tentei comprar livros, consegui a Coleção Arte no Cotidiano Escolar.

Ministrava aulas para o fundamental II, os alunos eram muito humildes, iam de qualquer jeito para a escola, alguns vinham de muito longe e a prioridade era a comida, não que passassem fome, mais era a comida diferente, industrializada.

Eles eram bem bagunceiros, porem na mesma proporção carinhosos e empáticos.

Eu tinha que parecer firme, comecei minha primeira aula com a quinta série, “estudo das cores” um assunto básico, de fácil compreensão, mas nas outras turmas era um desastre, 6ª serie formas geométricas, 7ª serie desenho em perspectiva e 8ª serie cultura.

Confesso que voltei no final da primeira semana para Macapá e fui estudar mais... Faltava-me algo, acho que era argumento, acho que era prática, não... Faltava-me formação. Não era como dar aula com um corpo técnico ou pessoas trocando ideias, nesses lugares distantes os professores não tinham apoio, não havia coordenação pedagógica, o corpo técnico era o diretor, o secretário escolar e o secretário do caixa escola, era eu por mim mesma, sem orientação nenhuma além do programa curricular da SEED, já caduco naquela época.

Partir pra cima dos apostilados como quem procura de toda a força dominar o inimigo, a ignorância...

Descobri que tinha mais do que podia, tinha minha experiência com artes manuais dos cursos que ministrei no SEBRAE.

Levei uma proposta de trabalho para o diretor, que aceitou na hora, pois no ponto de vista dele, artes não era necessária, mais tinha que manter alguns assuntos.

Assim comecei a trabalhar com construção em papel. Primeiro produzimos papel reciclado.

Para as crianças da 5ª serie a atividade era produzir pinturas com guache no papel reciclado;

As crianças de 6ª serie produziam caixas com o papel reciclado;

7ª serie, construíam casas com papel reciclado;

8ª série, produziam objetos de papel machê.

Assim consegui ir evoluindo com desenhos, pinturas e pouco conteúdo.

Trazia para sala de aula textos que falassem de cultura, quadros e de movimentos artísticos do modernismo.

Consegui fazer com que os alunos fizessem um apanhado das lendas locais, mas a coisa mais especial que consegui foi à encenação da ladainha feita com fantoches, feito com material reciclado. De início fiquei com medo de se sentirem ofendidos, mas se sentiram valorizados e representados.

A Vila de Santo Antônio da Pedreira guarda um patrimônio religioso e cultural de valor inestimável, que são as ladainhas em *latim* e tradições afro brasileiras. Fazem procissões, recolhem donativos, possuem música própria e linguagem diferenciada.

Passei a utilizar da riqueza cultural deles e valorizando esta riqueza percebi o quando que a arte visual tem de representatividade na vida ribeirinha.

Explorei a fundo as histórias daquele lugar, daquelas pessoas e eles retribuía, gostavam do que viam, para eles era um resgate da vida cultural, pois os jovens alunos passaram a fazer parte e a valorizar o que tinham ali.

A história de onde foram tiradas as pedras para a construção da Fortaleza de São José surgiu entre relatos dos mais idosos para os mais jovens, quantas histórias bonitas, milagres alcançados, imagens seculares que as famílias guardam até hoje tinha uma história.

Com o registro escrito de todo esse material, terminei o contrato em dezembro de 2002 e só voltei ao Santo Antônio da Pedreira em março de 2005.

É muito difícil ser professor sem apoio, sem corpo técnico, muitas vezes me senti perdida, mas me pergunto: Será que o professor licenciado não teria a mesma dificuldade no início de sua carreira profissional?

Entrar em contato com realidades distintas desafia o professor a procurar alternativas de ensino e aprendizagem.

Como poderia oferecer aquela comunidade um ensino monocultural tendo eles uma cultura rica em simbologias e significado?

Certo dia fui convidada para ver uma mucura. Mucura? Um bicho nojento feito um rato?

Ainda falei, vou sim, de repente essa mucura é bonitinha.... kkkkk virei piada da vila, mucura para eles é uma festa pequena, de família.

Outra vez, conversando com dona Enedina tomando café, ela largou tudo e correu para a varanda gritando “Eré, eré” pensei que era o nome de alguém e me voltei para olhar o que acontecia, o filho da senhora vinha longe no campo, com uma espingarda e um animal morto nos ombros, e ela continuava “Eré... Eré”.

Perguntei: “- mas o nome dele não é Paulo?”

Ela sorriu e disse “Eré é corre, vem rápido; assim nossos pais falavam.”

Morri de vergonha. Recentemente assistindo um filme chamado “O grande guerreiro Otomano” que conta a história do fundador do império otomano, foi que vi o termo “Eré” com a significação de “corre, vem logo!” Ou seja, não foi um termo criado pelo povo de Santo Antônio da Pedreira, mas foi herdado de seus antepassados.

Nosso meio rural tem linguagem própria e eu não sabia até chegar lá. Não sabia o quanto de cultura temos a explorar de forma positiva, valorizando esses espaços e essas pessoas. O tanto de história tem a desvendar.

Os quatro meses que passei na Vila de Santo Antônio foi de um aprendizado maravilhoso, nunca vou esquecer do tanto que aprendi ali.

Essas memórias são destinadas a minha amiga e professora, como a trajetória de alguém que procura um caminho, o da docência.

Luckesi (apud MAIA, 2009 p. 18) afirma que para o professor agir com um nível significativo de consciência na sua prática docente, precisa compreender o significado filosófico que dá noção a essa prática e o significado político que direciona sua ação pedagógica. Dependendo desses dois sentidos, a educação pode ser classificada como *redentora, reprodutora ou transformadora*. (Maia, 2009 p.18)

Nesse sentido, considerando que era minha primeira experiência, a formação que tinha era o curso de Suficiência em Artes Visuais, as condições da escola e o contexto de isolamento social, acredito que promovi em sala de aula uma educação redentora. Pois a valorização dos costumes e tradições locais reproduzidos em sala de aula, como as lendas, ladainhas e festividades da comunidade, aproximaram os alunos de suas tradições e com isso promoveu a sociedade.

Por outro lado, percebi as dificuldades que se perpetua hoje nas escolas do interior, pois trabalhar com um programa curricular defasado gera muitas dificuldades para um aprendizado efetivo. E dificulta consideravelmente o ensino da arte, pois aspectos importantes a ser abordado fica em segundo plano. Entre esses aspectos a construção social a partir da imagem criada no passado e sua representatividade no contexto atual.

Recentemente, para ser mais precisa em setembro deste ano, a Secretaria de Educação do Estado do Amapá lançou o Currículo Prioritário Amapaense do Ensino Fundamental – Habilidades Prioritárias em Arte, abrangendo o ensino de 6º a 9º ano. Este currículo apresenta apenas uma técnica responsável com formação em Arte, Professora Rosemary Souza de Almeida. Este currículo tem como base principal a proposta elaborada pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

Pergunto-me: “Como podemos legitimar um currículo que foi construído por um único técnico em Artes Visuais e esquecer que no Estado do Amapá existe uma Universidade Federal com um corpo técnico de Doutores em Artes e Educação que não são convidados a participar desse processo de criação do currículo”? Ainda questiono, “Não seria mais legítimo a criação de um currículo para o ensino de Artes por aqueles que formam os futuros professores de Artes”?

Acredito que tanto para os futuros professores como para o próprio processo educacional seria mais proveitoso um currículo pensando e construído por aqueles que estão engajados na formação de professores de artes e que entendem as dificuldades e carências dos licenciados em artes visuais. Porque o Estado do Amapá não se resume a capital Macapá e o estado possui diversidade social e cultural que abrange grupos étnicos, religiosos e possui uma grande riqueza cultural que deve ser valorizada e trabalhada de modo a fortalecer a identidade desse povo. Tratando de questões do ensino em artes, o professor de artes vai se deparar também no Estado do Amapá com realidades diversas no sentido de precariedade das escolas rurais distantes das sedes municipais e de mídias digitais que auxiliam e hoje são a maior ferramenta no processo de ensino aprendizagem no atual cenário de pandemia.

5. METODOLOGIAS EXPERIMENTAIS

Recordações 4

Macapá 28/06/2020

A Vila de Santo Antônio da Pedreira me ensinou muito, quanto ao ensino e aprendizagem.

Primeiro é saber que os alunos têm uma experiência social em sua comunidade, essas experiências são a base da formação cultural.

Quanto ao programa curricular da secretaria de educação – SEED utilizava dela quando encontrava o conteúdo ou textos que embasassem o estudo.

A escola Daniel de Carvalho naquela época não tinha nenhum equipamento de mídia e nem telefone pegava na vila.

A escola dispunha apenas de quadros a giz e um stencil a álcool. Nesse cenário organizava as aulas da seguinte forma:

- Apresentação do conteúdo ou texto base;
- Diálogo com a turma, onde procurávamos falar sobre o tema estudado, porém falava-se de tudo.
- Atividade - as atividades eram divididas nos seguintes modelos
 - a) Questionário – os questionários eram voltados para conteúdos externos a cultura local, como Estudo das Cores,
 - b) Produção visual – nessas atividades explorava os desenhos geométricos, desenho em perspectiva utilizava somente o ponto de fuga, desenhos livres, desenho de lendas locais.
 - c) Produção de texto: explorava a vida da vila, as festas religiosas, a caça, lendas e histórias locais.

Percebi logo quanto ao conteúdo, que as perguntas deviam ser diretas, havia para eles dificuldades de entender termos comuns nos questionários tipo: “Conceito, definição, justificativa...”

Logo que identifiquei essa dificuldade, tentei me aproximar da linguagem local e usava termos como: “o que é, por que”

Mais adiante percebi que devia manter as palavras, conceito, definição.

Pois eles iriam precisar do entendimento sobre esses termos na vida escolar, eles não iam parar de estudar, e voltei a usar, sempre informando do que se tratava.

Percebi que para o fundamental II, os conteúdos formam uma base do conhecimento e que o principal é o aluno entrar em contato com o conteúdo e seus termos e a partir daí, explorar a prática do ensino.

Vou continuar com o exemplo do estudo das cores.

O aluno deve identificar o que são cores, a existência de classificação das cores e das variações.

Diferenciando a cor luz da cor pigmento.

Para esse estudo das cores, comecei com o conteúdo e depois com questionário pequeno, passamos para a produção de desenhos com uso de giz de cera e exploramos assim cores quentes e frias.

Lembro de usar uma sombrinha que era formada por um círculo cromático e que produzimos alguns círculos cromáticos com tinta guache, mas não deu muito certo.

A sala de aula era um laboratório tanto para os alunos como para mim, nada era previsível, porém eu fazia o possível para dar certo e eles colaboravam. Uma coisa é certa, eu tinha verdadeiro amor pelo que fazia, nada era forçado, ia com gosto para a sala de aula, tinha prazer da companhia dos alunos.

Lembrando dos meus métodos de ensino, fico envergonhada em compartilhar com você minha amiga Doutora, parece tudo tão simples.

A procura de uma docência que tivesse significado para meus alunos, nessa primeira experiência me vi em voltas com o Conteúdo programático, ou seja, com a dificuldade de compreender e organizar o currículo de modo a atingir o aluno no desenvolvimento de sua aprendizagem.

“A didática tem como compromisso buscar práticas pedagógicas que promovam um ensino realmente eficiente, com significação e sentido para os educandos, e que contribuam para a transformação social”. (MAIA, et al. Didática: organização do trabalho pedagógico. 2009 p.14).

Por outro lado, observo que o professor de artes visuais está sempre buscando espaço dentro do ambiente da escola, pois existe a ideia que o ensino de artes não é importante, considerando disciplinas como português e matemática como as mais significativas para a formação do aluno, pois forma competências preestabelecidas e a arte ensina este a pensar e criar ideias e ideais.

KANASHIRO E MARQUES afirmam que, as ideias de Herbert Read foram bastante difundidas e ainda hoje merecem o crédito por assegurar que a arte seja reconhecida como uma forma de conhecimento. Isso tem garantido algum nível de penetração da arte na educação através de práticas

artísticas pedagógicas que buscam atentar para a singularidade das diversas linguagens artísticas, enquanto tentam ocupar o espaço que lhes é de direito no cotidiano escolar - mesmo que de maneira bastante precária. (KANASHIRO, Barbara e Diego Marques. CORPOS INCONFORMADOS: Arte e Educação nas práticas artísticas contemporâneas, 2015 p.7)

O que podemos notar pelas diversas concepções daquilo que seria o “objeto ou objetivo” do ensino das artes visuais.

“(...) particularmente no caso do Ensino das Artes Visuais, apresentamos um objeto certamente próprio, cujas ocorrências, no entanto são consideravelmente diversas: de um saber objetivado na forma de arte ou imagens, a processos de subjetivação tomados de uma perspectiva cognitiva ou cultural, auto expressiva ou identitária, passando pela constituição das artes como um ofício ou função produtiva, do desenho geométrico à criatividade segundo o “novo espírito do capitalismo”. Certamente, a esta altura dos acontecimentos, é difícil discriminar quais dessas concepções hoje em dia seriam válidas, pertinentes, eficazes”. (Honorato. Arte, pesquisa e ensino em tempos de deslegitimação do Ensino das Artes. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 12, n. 2, p. 09 - 22 – mai./ago. 2019 ISSN 1983 – 7348 2019 p. 10)

Isso explica a dificuldade de compreensão do processo de legitimação do ensino da arte, pois tais concepções mostra a abrangência do ensino da arte e suas inúmeras possibilidades de lidar com as mais diversas possibilidades, o que deveria ser um argumento positivo de valorizar o papel das artes visuais na formação educacional.

6. PRIMEIRA EXPERIENCIA NO MUNICIPIO DE AMAPÁ

Recordações 5

Macapá 29/06/2020

O ano letivo na Vila de Santo Antônio da Pedreira terminou em 31 de dezembro de 2002, no dia seguinte tomava posse do Estado do Amapá, o Governador Antônio Waldez Góes. Como a mudança política muda-se o cenário também nas secretarias estaduais.

Os contratos administrativos abriram em fevereiro de 2003, e eu não consegui nada, foi quando comecei a me relacionar com meu marido, que na época era diretor da maior escola do município de Amapá, a Escola Estadual Vidal de Negreiros, onde faltavam muitos professores entre estes o professor de artes.

Assim fui para o Amapá, como mulher do diretor, promissor prefeito do município de Amapá.

Desde o início, por questões política ganhei a antipatia dos adversários, em especial a cidade é uma área muito conflituosa, por questões de espaço de poder, isso é um veneno para quem só quer dar aula e voltar pra casa no fim do dia.

Peço desculpas por falar sobre isso, mas é necessário, pois o ponto de vista aqui relatado é de alguém que sentiu na pele a carga da maldade e da irresponsabilidade que certas pessoas por fome de poder são capazes.

O Amapá dessa época me trouxe muita dor, tristeza e desespero e isso reverberou na sala de aula e em minha vida naquele momento.

Cheguei na cidade de Amapá no início de março, morei em um hotel e depois em uma casa que havia sido uma boate.

Fiquei de início com as turmas de 5ª série, 6ª série e 7ª série, isso me ocupava 20 horas das 40 horas que tinha em contrato, no geral a escola possuía aproximadamente 1.400,00 (mil e quatrocentos) alunos entre ensino fundamental II e ensino médio.

A escola possui piscina, quadra poliesportiva, auditório, biblioteca, sala de leitura, laboratório – LIED, e muitos outros espaços de convivência.

De início, conseguia dar aulas, era muito criticada pelos outros professores de artes que dizia que eu dava aulas de artes manuais, eles trabalhavam com e unicamente com conteúdo de história da arte.

Aprendi no Santo Antônio que se eu quisesse material tinha de comprar e isso também fazia nesta escola, do meu salário comprava tudo o que queria para minhas aulas, só que eu sabia disso, para os servidores a ideia é que o diretor tirava do recurso da escola para mim.

Enfim, as questões políticas interferem muito.

Nessa época comprei mais livros de artes, em especial de história da arte de Graça Proença, mais continuava com aulas práticas de pinturas, desenhos, construção de sólidos geométricos e do uso e manipulação de réguas, compassos e transferidor.

Minhas aulas seguiam o modelo que utilizava no Santo Antônio da Pedreira, isso incomodava a muita gente.

Apesar da escola ter uma infraestrutura física de boa qualidade, não havia uma coordenação pedagógica, mais havia uma rádio, onde trabalhava uma das professoras da escola e oposição ao diretor.

Essa oposição, trazia para dentro da escola diversos conflitos, denúncias que causavam prejuízos financeiros e em especial a moral de fornecedores e da família do diretor, ou seja, minha família.

Todos na cidade escutavam a rádio, era uma rádio comunitária do Senador Gilvan Borges e tinha como “dona” e radialista a professora de língua portuguesa Áurea Costa.

Depois que a rádio começou a difamar meu marido e ele não tomava atitude e passou a falar até mesmo de mim. Não conseguia dar aulas.

Não tinha como ministrar se quer uma fala, os alunos tornaram-se agressivos, algumas turmas inteiras não permitiam a aula, tanto era a bagunça nas aulas.

Eu perdi a autoridade com os alunos, alguns pais eram solidários, outros promoviam com seus filhos a verdadeira balbúrdia na escola.

Aprendi a ministrar aula de história da arte, era só enterrar a cara no quadro e copiar como uma máquina depois dividir a leitura e passar uma atividade em forma de questionário. Boa parte de meus dias eram no hospital fazendo o pré-natal, sim engravidei, outra parte dentro de casa, só saía para dar aula e enfrentar as carrancas que encontrava no caminho.

Nunca me senti tão sozinha na vida, sempre fui forte e sempre encarei meus problemas, comecei a ter um sentimento muito ruim “ódio” eu odiava com todas as minhas forças.

Odiava meu marido que se deixou dominar e não usava a força da lei a seu favor, não processava a rádio e aquela mulher. Odiava as pessoas que nos cercavam com tanta falsidade e a escola, cheguei a odiar alunos, aqueles que mais me agrediam, passei a ser agressiva também.

Quiseram incriminar meu marido com denúncias de assédio sexual, mas não conseguiram. Plantaram um site pornográfico no LIED para denuncia-lo por pedofilia, mas não sabiam que ele estava ausente e que o filho dele também estava ausente. A única pessoa da família na cidade era eu, e não tinha acesso ao laboratório.

Sabe o que é viver um inferno, eu vivi, sem ter um canto onde eu pudesse ser eu mesma, onde pudesse respirar. Vivia um dia de cada vez... sem perspectiva, sem vontade.

Minha filha nasceu de oito meses em dezembro de 2003, em 2004 lá estava eu vivendo e respirando o mesmo veneno.

Depois de uma briga dentro da sala, fui parar no ministério público, não aconteceu nada porque o pai do aluno era uma das pessoas prejudicadas pela rádio, havia perdido a padaria que oferecia pão para a escola por denúncias que havia fezes de rato no pão, era mentira. Quantas pessoas sofreram por conta da ambição daquela mulher?

Eu passei a agredir meu marido que só bebia, eu batia nele, botei os filhos dele pra fora de casa, brigava com todos que vinham com gracinha pro meu lado.

Não dormia, não comia e nem mais vivia.

As aulas eram apenas quadro e questionário, não tinha palavras, afeto nem vida. Afetos e vida eram destinados aos meus queridos, pequenos grupos de alunos, uma turma ou outra, coisa pouca.

Com esses alunos fazia em casa aulas divertidíssimas, tentamos fazer com metal alguns artefatos, fizemos um abajur, alguns robozinhos de parafusos e roscas e outros materiais como garrafas pet, papel e vidro que pintamos e decoramos com biscoit.

Consegui ainda fazer duas exposições na escola, uma exposição na feira de ciências apresentava objetos feitos com material reciclado e maquetes de um conjunto habitacional da cidade e da igreja.

Outra exposição foi decorrente de uma aula de pintura em tela, onde pude expor na galeria do SESC Ier, no Amapá as obras feitas pelos alunos em telas.

Também em algumas ocasiões tive envolvida em apresentações de danças, em especial o Carimbó. Isso não impediu que meu ódio crescesse e no auge da loucura taquei fogo na casa em que morava, sofria de dores de cabeça e insônia.

Foi quando fui diagnosticada com depressão, ainda assim voltei ao trabalho, que não rendia muito.

Então um dia, passei tão mal que fui internada, meus irmãos foram me buscar e ao chegar lá, na saída, encontrei a Aurea Costa na frente de uma casa, nem quis saber de quem era, sorte dela. Quando avancei nela, uns dez policiais me seguraram, pra sorte dela, só quebrei os óculos. Era a casa do delegado.

Lutei com aqueles policiais, segurando-a pela gola da camisa, conforme eles me arrastavam de um lado para o outro, ela também era arrastada. Ninguém entendia o que acontecia, mas eu entendia, eu sabia o que foi aqueles dois anos, o que havia sido tirado de mim... a paz e o respeito das pessoas.

Nesse dia voltei para o hospital no carro de polícia, a cidade toda soube, soltavam fogos e faziam festa com a notícia.

Voltei para Macapá no mesmo dia, ou melhor naquela noite e passei por um longo tratamento psicológico.

Concluir o ano letivo de 2004, sem desfrutar do prazer do aprendizado nem dos meus alunos e nem meu.

Foi a pior das experiências que tive na vida.

Apreendi que o professor é um ser humano que precisa de cuidados, deve ser respeitoso e deve ser respeitado. Se a família não valorizar o professor, os filhos não valorizam também, se a comunidade discrimina um professor este está fadado ao fracasso educacional.

É uma relação complexa, porque uma notícia falsa acaba com a vida de uma pessoa comum, mas do professor é pior, porque mexe com toda a sociedade e aí fica a escolha ou você desiste de ser professor ou você desiste da comunidade que você vive, isso quando consegue provar que não é verdade o que falam de você.

É como a história de se jogar pedacinhos de papel ao vento, você nunca recolhe todos, ou de pregar pregos em uma tábua, mesmo que os tire as marcas ficam para sempre.

Perdi dois anos de minha vida, naquele inferno, só acabou quando meu marido pediu exoneração para cuidar da minha saúde e do bebê.

Ah quem me culpe por ele não ter se tornado prefeito da cidade, mas o maior culpado é ele mesmo de não tomar providencias no momento em que o abuso começou. Com a saída de meu marido, a professora Áurea Costa tornou-se diretora da escola Vidal de Negreiros em 2005.

Essas dolorosas memórias fazem parte do que sou, não posso negar meu fracasso e escrever apenas vitórias. Porém, são só momentos difíceis a ser superados e garanto que superei. Esses relatos de memória que escrevo para minha querida professora, como parte do de minha experiência de ser professora sem licenciatura.

“... A antiga imagem de um professor como símbolo da autoridade e da providência moral tem sido substituída pela imagem de um adversário a ser derrotado pelo aluno; a imagem da escola como ambiente seguro onde crianças e jovens poderiam desenvolver os valores morais e democráticos é substituída pela imagem de um território conflagrado; a imagem do aluno como aprendiz dócil a ser encaminhado para vida em sociedade é substituída pela imagem de um aluno rebelde, problemático, portador de todos os vícios e de nenhuma virtude. Os extremos dessas “representações” não deixam dúvidas de que as expectativas em relação à escola, alunos e professores mudaram radicalmente. A representação de “ser professor” assume outros sentidos para os quais nem sempre os candidatos ao magistério estão devidamente preparados”. (GOMES. 2016 p.164)

Correia e Matos (apud GOMES 2016 p.178) nos sugerem uma ambiguidade que interfere diretamente na atuação profissional do professor. Se por um lado, a sugestão de solidão dos professores nos parece bastante adequada, por outro lado, o professor está envolto pela multidão (pais, alunos, colegas, funcionários da escola, etc) que não lhe “tiram os olhos de cima”. E apesar disso, o professor se sente só.

Como professora de artes me sentia só por ver todos os meus atos profissionais sendo reprovados pela comunidade, sem uma reflexão previa do ato de ensinar que eu praticava, pois, a aula expositiva de história da arte passava naquele momento ter mais valor que a prática criadora, onde os alunos expressavam através de seus desenhos e criações suas vivencias.

7. SANTO ANTONIO DA PEDREIRA MEU AFETO

Recordações 6

Macapá 06/07/2020

Depois que tive depressão, perdi parte da memória e fazia exercícios diários para recuperar, o médico dizia que não fazia sentido a perda de memória. Fazia sessão de regressão e diversos tipos de exercícios, muita leitura e voltei a frequentar o Centro Espírita através de meu médico.

Dos 48 quilos que pesava, cheguei aos 80 quilos muito rápido, fazia exercício físico também mais não resolvia muito.

Por ordem medica voltei a trabalhar como professora, ele dizia que não podia parar, e que a depressão era por conta do parto e não do trabalho, e isso realmente era verdade.

Voltei a trabalhar no Santo Antônio da Pedreira e lá permaneci por seis anos.

Minhas aulas melhoraram muito, já dominava os conteúdos em especial de história da arte, que para os alunos não fazia sentido nenhum, porem seguia o Programa Curricular da SEED.

Participava ativamente da escola e de todas as atividades e eventos.

Mudei o modo de apresentação e homenagens, fazia apresentações em PowerPoint para o dia das mães com fotos das mães dos alunos. Vídeos no Movie Maker para o aniversário da escola, porem fazia tudo em casa e levava todo o equipamento de casa, a escola então só tinha uma impressora e um computador.

As decorações começaram a ser criticadas, com a ajuda dos alunos e da comunidade decorávamos usando vasos de plantas naturais, troncos de árvores e cipós e tecidos como TNT e faillet e os professores reclamava que não usava as tradicionais decorações feitas dentro da escola com papel e bandeirinhas.

A comunidade gostava das decorações, fugia do que era costumeiro e os alunos participavam.

No aniversário da escola certa vez, sai de casa em casa pedindo para cada moradora fazer um bolo quadrado, fui em Macapá comprei muitos potes de doce de leite e dois litros de chantilly, os bolos chegaram no dia da festa e ninguém entendia nada.

Peguei um compensado e embrulhei com papel alumínio, coloquei em uma mesa grande, fui encaixando os bolos, passava doce de leite e empilhava, até não sobrar nenhum bolo. Usei o liquidificador e fiz a cobertura de chantilly e colori com corante azul, reservei uma parte branca de cobertura e comecei a decorar o bolo gigante.

A expressão de surpresa, alegria e pertencimento foi incrível, as mulheres que ajudaram sorriam felizes, as crianças desejavam e toda a Vila foi chamada a participar.

Depois desse dia tudo que eu pedia na vila era feito, eles acreditavam no meu trabalho, me respeitavam e tinham muito carinho por minhas filhas e marido.

Meu marido assumiu o caixa escolar de cinco escolas do aglomerado de vilas, porem ele tinha outra postura, e deu certo o trabalho dele também.

As aulas eram ministradas seguindo o mesmo programa curricular, mas eu diversificava os conteúdos quando podia.

Certa vez estava trabalhando com ponto, linha e formas e decidi trabalhar a escrita dos alunos da 6ª serie, havia um menino que tinha muita dificuldade, se chamava Ronaldo, era teimoso, bravo, rebelde e mimado, o ultimo filho de uma senhora bem idosa e também muito zangada, que defendia o desrespeito e malandragem do filho com unhas e dentes.

Durante a aula, após falar da classificação das linhas, usei o termo “abrir Letras”. Mas o que é “abrir letras”? O menino Ronaldo ria sem parar.

E disse: “isso não existe! Abrir letras. O que é isso professora”?

“Se abrir, a letra rasga!”

Entendi na ocasião que podemos e devemos mostrar coisas diferentes e aguçar a curiosidade do aluno.

Todos me olhavam em silencio.

Comecei falando dos comércios que tinha na vila, eram dois comércios e o que estava escrito na porta e nas paredes dos comércios?

Expliquei que a técnica utilizada para pintar palavras em lojas e comércios era chamada de abrir letras e desafiei os alunos a abrirem letras.

Essa aula durou algumas semanas, fiz o pedido de uma régua, borracha, lápis e apontador e um caderno de desenho. Na outra semana estavam todos equipados para “abrir letras” comecei com a técnica de dividir quadrados de cinco centímetros e dentro deles com calma os alunos iam escrevendo seus nomes.

Foi muito lento, propus que melhorasse através do uso das linhas a própria escrita, o Ronaldo era o mais dedicado, não perdia nada, estava empenhado.

No final de quatro semanas de muito esforço, fizemos alguns cartazes.

Produzimos poesias, cartas e percebi que o Ronaldo aprendeu a ler e escrever a partir dessas aulas.

Engraçado é que ele fez um agradecimento formal à professora de português.

Nessa época já havia coordenadora pedagógica na escola e regularmente eu entregava os planos de aula, a mulher não entendia nada de artes, confundia desenho com pintura.

Passei a resumir conteúdos deixando o tempo mais livre para a criação dos alunos, as aulas começaram a ser divididas em um conteúdo e uma atividade, podendo ser questionários ou criação de textos e desenhos, utilizava também colagem e pintura.

Hoje sei que as avaliações eram feitas no processo da seguinte forma

Após passar o conteúdo em seguida fazia a atividade que corrigia e dava o visto. Passava uma prova final com direito a consultar o caderno, entendia que mesmo que estivessem pesquisando no caderno isso também era uma aprendizagem. Sempre fazíamos diálogos onde eu escutava as ideias e dúvidas dos alunos, isso também contava na hora de lançar as notas.

Avaliava a presença, participação e conhecimento livre, nada de decorar para prova.

Recebi em 2008, carta de elogio pelo trabalho prestado a escola Daniel de Carvalho, eu tinha muito orgulho de trabalhar ali.

Foi nesse ano que comecei a cursar a graduação em turismo, pensei em fazer pedagogia, mas meu marido me convenceu a fazer turismo por que no período o turismo estava em alta no Amapá e pretendíamos abrir uma empresa de receptivo turístico. Foi um bom curso, concluir este em 2010.

Nesses três anos de graduação, meu tempo era muito corrido.

Fazia estágio na SEMA pela manhã, lecionava a tarde e ia para a faculdade de noite. Todo meu tempo livre era para planejar aula, fazer relatórios e atividades do curso de turismo.

Em 2010, mudou a coordenadora pedagógica, era o tempo de mudança política também e da discussão no meio educacional do “certo ou errado” do uso de caneta

vermelha na caderneta escolar. Para uma maioria era errado porque marcava o currículo do aluno de forma negativa.

Minhas cobranças em aula sempre foram pautadas nas necessidades dos próprios alunos, e eles nessa época insistiam no uso de caneta vermelha para as atividades, e eu marcava isso como negativo e chamava a atenção deles. Mesmo porque eu nem enxergava direito a escrita com a caneta vermelha.

Começou um movimento de alunos e coordenação contra meu método de aula, para a coordenação o uso de caneta vermelha era permitido por parte dos alunos em provas, disse a ela que mandasse os alunos fazerem Enem e Provinha Brasil de caneta vermelha também.

Dias depois outras denúncias surgiram com relação meu comportamento (Alegavam alguns alunos que chamei palavrão na sala) e um aluno tentou me agredir, coisas que nunca havia acontecido dentro da pacata Vila de Santo Antônio.

Entendi o recado, minha irmã que morava em outra vila estava se metendo em política e isso era o suficiente pra desqualificar meu trabalho de seis anos.

Pedi pra sair da escola em maio de 2010, deixando o ano letivo aberto e muitos alunos solidários a mim.

Aproveitei meu tempo fazendo uma pós-graduação em Educação ambiental pelo SENAC, que terminou em janeiro de 2012

Meu marido permaneceu na escola até 2013.

Relatos de Memórias de seis anos na Vila de Santo Antônio como professora de artes visuais, para a amiga e professora.

“Félix Guattari nos coloca no capítulo final da versão francesa de seu livro *Caosmose: um novo paradigma estético* (1995). Ainda que o referido capítulo tenha sido suprimido na tradução para o português, nos parece inegável que essa pergunta sintetiza com precisão o projeto empreendido pelo autor em seu livro - promover o deslocamento de determinados modelos cientificistas em favor dos denominados paradigmas éticos-estéticos, sobretudo no que se refere ao campo das chamadas ciências humanas, ciências sociais etc. Nessa perspectiva, para que uma aula possa vir à vida como uma obra de arte é justamente esse desvio que se faz necessário, imperioso e urgente: a aula propriamente dita deixa de ser lida apenas como representação, reprodução e repetição de conteúdos prontos e dados a priori, ao ser entendida como possibilidade de ação, transição e criação.” (KANASHIRO E MARQUES. *CORPOS INCONFORMADOS: Arte e Educação nas práticas artísticas contemporâneas* 2015 p.2)

Como professora tinha muitas vezes a impressão que em alguns momentos me sentia presa a um plano curricular ou um conteúdo; então tentava promover a

liberdade criadora no fazer desenhos livres, escrever sobre algo que gostassem, sem o compromisso com o certo ou errado.

“Segundo o filósofo Herbert Read, a arte colabora com a educação da sensibilidade ao promover o desenvolvimento de habilidades e competências específicas, tais como: a observação - responsável pela internalização, codificação e memorização de informações expressas por um dado meio social -, a apreciação - encarregada pela responsividade, aderência e consentimento em relação ao que é expresso em um certo contexto cultural -, e, por último, mas não menos importante, a auto expressão - designada por satisfazer uma espécie de necessidade de expressão inata, natural e congênita a cada um de nós. Por sua vez, tais habilidades e competências seriam aprimoradas através da preconização do denominado *laissez-faire*, que nada mais é senão um deixar fazer que mobilizaria a criatividade, a espontaneidade e a livre expressão do aluno. Como se sabe, as ideias de Herbert Read foram bastante difundidas e ainda hoje merecem o crédito por assegurar que a arte seja reconhecida como uma forma de conhecimento”. (KANASHIRO E MARQUES. *CORPOS INCONFORMADOS: Arte e Educação nas práticas artísticas contemporâneas* 2015 p.7)

A ideia era promover a construção do conhecimento baseado no processo de reflexão do próprio aluno ao criar desenhos e textos onde estivesse presente sua essência humana, social e cultural, sem interferência de um modelo a seguir ou uma representatividade a ser copiada.

O que pode revigorar a relação com imagens é a destituição do lugar comum entre coisa, palavra, imagem e pensamento. Ter que é próprio do trabalho da arte usar de jogos espaciais, testando limites e vãos para desmanchar ligações préfixadas, restrições, condicionamentos. Na educação (e na educação em artes visuais), seria muito mais jogar com limites e vãos das imagens, da escrita e do pensamento do que atuar no âmbito do ensino, das pedagogias ou dos estágios de compreensão. (CAPRA, Carmen Lúcia. Sobre imagens e contato com imagens. Revista da Fundarte, Montenegro, ano 15, n. 30, p. 73-84, jul./dez. 2015. p.5)

Para Capra, “imaginar é fazer imagem na mente”, imaginar na minha compreensão poderia ser livre de modelos ou regras e deixar o aluno percorrer e refletir sobre esses caminhos de construção e criação.

Para Didi-Huberman (2011, 2012 apud Capra 2015 p.5), imaginar tem mais a ver com o real, com realização, do que com fantasia ou frivolidade. Para o filósofo, as imagens tocam o real, e isso não quer dizer que elas o façam para revelar verdades sobre a realidade. Dizer que as imagens tocam o real é para considerar que nesse contato, inflamam-se. As imagens ardem, pois algo lhes acontece, o “com tato” as energiza e as alimenta de uma potência única. (CAPRA, Carmen Lúcia. Sobre imagens e contato com imagens. Revista da Fundarte, Montenegro, ano 15, n. 30, p. 73-84, jul./dez. 2015. p.5)

8. RETORNO AO AMAPÁ

Recordações 7

Macapá 15/07/2020

Em março de 2011 decidi sair do contrato administrativo na escola Daniel de Carvalho, na vila de Santo Antônio da Pedreira. Neste período já cursava a pós-graduação em Educação Ambiental pelo SENAC/EAD que foi concluído em janeiro de 2012.

Não me recordo o mês que em 2012 recebi uma ligação da secretaria de educação me chamado para uma vaga de contrato para professora de artes visuais, o local era o município de Amapá. Não sei por que, mas aceitei para o espanto de toda a minha família que era contra. Prometi pra meu pai e para meu médico que jamais pisaria no município de Amapá de novo depois de tudo que vivi lá.

Nessa época não tomava mais remédios controlados e lidava melhor com minhas dificuldades emocionais, me preparei psicologicamente e decidi ir sozinha, sem ninguém da família, a proposta era passar um ano, passei quatro anos.

Lembro que estava com tanta vontade de ir, que nem esperei meu marido me levar ao terminal rodoviário. No terminal conheci um motorista de carro pirata chamado Ney, fui com ele para o Amapá. Não tinha muito dinheiro, conversando com o Ney na viagem consegui que ele me levasse para as kit net da mãe dele a enfermeira Lucila, um amor de pessoa, fui recebida pela irmã dele a Lia outro anjo.

No primeiro mês a kit net ficou pela metade do preço, era praticamente um apartamento amplo, com dois quartos, banheiro, sala e cozinha, além de uma varanda e área externa. Depois que deixei as malas minha primeira providência foi levar a carta de apresentação na escola e descobri que daria aula em duas escolas Vidal de Negreiros e Veiga Cabral.

Encontrei na escola a mesma secretária escolar dos velhos tempos, que disse não me reconhecer e fiz questão de lembra-la. Depois fui para a casa do velho amigo seu Santana, estava muito doente e debilitado, fiquei muito preocupada com ele, retornei para a kit net, tomei banho e fui para a escola Veiga Cabral, onde fui recebida pela própria diretora professora Neuza Abreu que me recebeu com muito carinho, se lembrou de mim e saiu me apresentado todos que estavam na escola, com uma alegria contagiante.

Na ida para a casa parei em frente a uma casa bonita, onde uma senhora vendia espetinho, era dona Preta, logo fiz amizade com ela. Cozinhava muito bem e sempre estava acompanhada do filho Zezinho.

Depois de tanto tempo morando com minha família, marido, filhos e agregados, era a primeira vez depois de tantos anos que ficava sozinha e tinha de criar uma rotina onde eu me encontrasse e descansasse o suficiente, precisava de momentos de isolamento e de momentos com pessoas.

Vivia um dia de cada vez. Ansiosa pelas aulas, rezava e planejava, sem conhecer os alunos, mas já antecipando as experiências negativas.

Na escola Vidal de Negreiros fiquei com as turmas do fundamental II nos dois turnos e na Veiga Cabral fiquei com o fundamental II na modalidade EJA no turno da noite.

Lembro do primeiro dia de aula, eu não tinha relógio, despertador, nada que me acordasse então não dormi direito, ficava acordando toda hora e despertei de madrugada ouvindo o canto dos pássaros. Arrumei meu material e esperei pelo sol, coloquei um sorriso no rosto como quem põe uma máscara e fui.

Surpresa foi o carinho dos alunos, consegui apresentar como seria as aulas e todo o processo de ensino e aprendizagem. Mostrei o conteúdo, e falei que as atividades diárias seriam computadas como nota e seus comportamentos também, pedi que eles se apresentassem, falamos do tempo de atraso para chegar professor de artes visuais e que gostaria de fazer algumas práticas com eles, mas que no início não seria possível por não ter dinheiro pra comprar os materiais.

A coordenação da escola Vidal de Negreiros era bem complexa, tinha vários coordenadores atuando ao mesmo tempo em todos os horários e competiam entre si. Gostava de um em especial, o professor D'raldo Santana, era um rapaz bem novo e bonito aos meus olhos parecia meu irmão mais novo. Não que não gostasse dos outros, mas tinha por ele um carinho muito grande. Amizade que se perdura até os dias de hoje.

Encaminhei para a coordenação uma lista de materiais para as aulas práticas e recebi alguns uma semana depois. As duas escolas eram boas, consegui dar aulas normalmente, todos me respeitavam.

A diferença para as aulas do fundamental II normal para a EJA estava na maneira que apresentava os conteúdos, no fundamental normal copiava no quadro,

explicava e passava atividades em formato de questionários. Na EJA procurava levar imagens, conversávamos mais e o conteúdo geralmente era impresso para leitura em sala, poucas vezes escrevia no quadro, na EJA avaliava a participação e montava grupos ou duplas para os diálogos.

Sempre busquei apresentar aulas práticas de desenho e pintura, como forma de permitir que os alunos expressassem suas experiências e vontades.

História da arte sempre foi o material principal das aulas da escola Vidal de Negreiros, mesmo porque os professores de artes que lá estavam trabalhavam a disciplina de artes visuais com uma cronologia da história da arte, como apresentada no livro de Graça Proença, “História da Arte”. Esse livro era como uma bíblia para os professores de artes visuais.

Então eu comecei a fazer algumas intervenções práticas a partir da apresentação de conteúdo. Era assim:

No conteúdo de história da arte sobre a arte cristã, utilizava de os símbolos para os alunos desenharem; já na arte bizantina os alunos construíram mosaicos adaptados com pedaços de E.V.A.

Além dessa estratégia de fazer aulas práticas, utilizava dos desfiles que considerados muito importante no município de Amapá para produção de material em papel machê e papietagem, fazíamos cestas de jornal, frutas de papel machê, instrumentos de cultivo como ancinho e pá de papelão e demais materiais disponíveis.

Percebo que o aluno se libera e torna-se mais acessível quando em grupo, dentro da escola ele participa de atividades práticas, o aluno em sua maioria quer se sentir útil, também quer se sentir apoiado, uma palavra de incentivo em meio a uma atividade prática torna o aluno mais determinado a encontrar soluções para o que pretende apresentar.

Lembro de uma turma de alunos fora da faixa etária, eles eram rebeldes e chegavam a quebrar a sala de aula, quando eu chegava, esses alunos conseguiam conter parte da revolta. Esperavam sempre uma aula prática, era uma turma muito difícil de dar aula, mas tinha o respeito deles.

Havia nessa turma um aluno chamado Wladimir que todos tinham medo dele até os próprios colegas. A escola o tratava como especial porque a mãe falou que ele era especial, dizia que ele teve AVC aos 15 anos. Eu o via como um aluno normal,

mesmo porque quando a professora do ensino especial vinha chamar ele para qualquer coisa ele simplesmente não ia.

Certo dia, o Wladimir resolveu que eu não daria aula, perguntei porquê e ele se fez de doido, fingindo que eu não estava ali. Pedi para chamar a mãe do aluno e ela não veio, descobri que ela nunca vinha, então tirei o Wladimir da sala e disse que ele não assistiria nenhuma aula minha enquanto não trouxesse laudo médico.

Não havia laudo, o aluno era normal, porem protegido.

Com o professor D'raldo consegui um data show que havia sido doado pela Unifap nos tempos em que havia aulas de graduação da universidade no município, essa graduação era para atender os professores locais. Além do equipamento data show, consegui um espaço, era uma sala de leitura abandonada que ficava no anexo de trás da escola.

Limpei e decorei a sala, arrumei alguns desenhos animados para trabalhar o estudo das cores e o ensino da arte, havia um especial "Pato Donald no mundo da matemática" que falava de como o desenho e a arte tem relação com a matemática e com a natureza.

Essas aulas foram bem exploradas, começava com o filme em um lugar legal dentro da escola, e depois fazíamos uma produção textual falando sobre o filme e depois uma produção pessoal que geralmente eram desenhos de ilustração do filme.

Passei um ano nas duas escolas Vidal de Negreiros e Veiga Cabral.

Era proibido passeios com os alunos, as aulas obrigatoriamente deveria ser em sala de aula, uma vez organizamos um passeio com uma turma que tinha o acordo de me obedecerem totalmente, pedi autorização direto dos pais e saímos da praça, sem nenhum apoio da escola, foi muito divertido, fomos de bicicletas dois em cada bicicleta; caímos e levantamos no meio da estrada várias vezes, riamos sem parar até chegarmos em um rio lindo, chamavam pro local de Aderbal, era uma fazenda e não tinha ninguém lá.

Levamos comidas e passamos o dia inteiro, ouvi o relato de vida deles, exploramos as pedras gigantes da beira do rio e estórias de ouro na região, mostrei as marcas nas pedras de buracos feitos para colocar dinamite nas pedras e tudo fascinava eles, criamos um vínculo que durou durante todo o tempo que fiquei na escola com eles. Desse passeio resultou desenhos e redações muito boas.

Na escola Veiga Cabral no ano de 2012 só existia o ensino fundamental I e a 2ª Etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Fiquei trabalhando com a EJA. As turmas eram diferentes do que se imagina.

A maioria dos alunos vinham da escola Vidal de Negreiros, eram os mais rebeldes e jovens delinquentes obrigados pela justiça a voltar à escola, uma pequena parte era formada por adultos trabalhadores.

Procurava facilitar ao máximo as aulas, passava filmes para interpretação, buscava fazer atividades acompanhadas de pequenos textos para leitura e investia em desenhos e pinturas utilizando técnicas simples como a cera derretida, pontilhismo, pintura com guache. Os desenhos partiam do princípio de ponto, linha e formas. Além dessas atividades os alunos participavam de quadrilhas e demais atividades para eventos da escola.

2012 foi um ano muito produtivo e me senti acolhida pelos alunos e pelas escolas, apesar de viver muito cansada pela longa jornada de trabalho e por também ter que mudar o cenário de anos atrás.

Muitas vezes pela cidade de Amapá passei por situações de constrangimento, mais jurei que ia me superar. Pessoas pararem na padaria pra ir a minha mesa olhar no meu rosto. Pessoas cochichando e apontando para mim, foram muitas as vezes que fui questionada porque estava ali e respondia que por dinheiro e por que eles não estudavam, se não, não precisaria do meu retorno. Procurava ser gentil e se persistisse o incomodo me tornava arrogante ou debochada. A audácia era tanta que pedi uma cerveja em copo de alumínio para ninguém ver que eu bebia e um homem foi cheirar meu copo, simplesmente chegou na minha mesa pegou o copo que ainda estava usando e cheirou. Kkkkk era muita audácia.

Passei a sair com o professor D'raudo e a professora Joseane e mais alguns outros professores, isso me dava um certo alívio, com eles ninguém fazia essas cenas.

Memórias de 2012, retorno ao município de Amapá, encarar meus medos foi um desafio, para minha interlocutora.

“O homem sempre utilizou imagens para representar a realidade que o cerca, surgindo daí a relação entre arte e realidade. Sendo o jovem e o adulto os criadores, autores de suas obras, podemos afirmar que, a partir dos trabalhos feitos pela turma de EJA, os alunos conseguiram refletir uma nova realidade humana”. (ARAUJO e OLIVEIRA 2015 p. 5)

Nesse sentido, a arte no Ensino de jovens e adultos colabora de maneira significativa para a socialização de experiências desses alunos, as aulas tornam-se momentos prazerosos de diálogo e criação.

Para Araújo e Oliveira, (2015 p.6) a obra de arte foi um instrumento de diálogo e comunicação, no qual o aluno da EJA pôde expressar suas ideias, sentimentos, emoções.

“A educação torna-se indispensável para o exercício da cidadania e para a formação cultural e senso crítico do indivíduo. Nessa reflexão, para Paiva (2007 apud ARAUJO e OLIVEIRA 2015 p.4), a EJA não se torna apenas um direito, mas uma emancipação do desenvolvimento humano para a participação na sociedade enquanto cidadãos”. (ARAUJO e OLIVEIRA 2015 p. 6)

Trabalhar no Ensino de Jovens e Adultos – EJA foi uma experiência muito relevante para minha formação profissional e pessoal, o aprendizado foi significativo para mim com professora. Entrei em contato com múltiplas realidades e consegui compreender o sentido de diversidade.

Exercitar a memória é também tocar nos vazios do esquecimento. Ativar a memória é necessariamente lidar com a montagem de restos e fragmentos, como se imagens de história estivessem arquivadas em um atlas móvel e fossem acionadas por estímulos de intensidades que podem variar da mera associação a uma rede mais profunda de significações. Se as imagens sobreviventes do mundo da cultura não se dão facilmente, as imagens da memória também não. Na memória, igualmente lidamos com um misto de imagens, espaços e tempos imbricados por reminiscência e ficção, imagem e imaginação, que nos atendem ressoando tanto evidências quanto enigmas. Assim, lidar com conjuntos de imagens da memória é trazer à montagem a própria história. (CAPRA, Carmen Lúcia. Sobre imagens e contato com imagens. Revista da Fundarte, Montenegro, ano 15, n. 30, p. 73-84, jul./dez. 2015. p.8)

Nesse sentido, rememorar o ensino de artes na EJA me faz refletir sobre as práticas com a imagem, o processo de criação e a reflexão que tenho é que o ensino de artes visuais não deve só promover um aprendizado lógico e linear sobre a história da arte em si mesma, o ensino da arte deve promover a aprendizagem e o conhecimento do “outro”, entendido aqui como outras culturas, outros espaços e tempos, outros – (pessoas e artistas) e o “eu” eu quanto aluno, eu como pessoa que vivo em sociedade, eu (sociedade) eu (cultural) e meus processos de entender e compreender esse mundo, reconhecer e valorizando a minha identidade artística cultural sem desprezar a diversidade artística e cultural que nos cerca.

9. BREVE MOMENTO NO MUNICIPIO DE PRACUÚBA

Recordações 8

Macapá 19/07/2020

Em janeiro de 2013, a SEED procurava professores voluntários para ministrar aula nas escolas que não tinham professores nos seus quadros em 2012.

Voluntariei-me e fui para Pracuúba, um município pequeno, sua sede faz frente para um grande lago que alcança o rio Flexal.

Meu único objetivo em Pracuúba era ministrar aulas de artes visuais com carga horária de 80 horas.

Fiquei hospedada na casa de minha cunhada e a escola se chamava Escola Estadual Antonio Ernesto Colares.

As turmas foram divididas para dois professores de artes, eu fiquei com 5ª e 6ª series e EJA e o meu colega ficou com as turmas de 7ª e 8ª series e o ensino médio.

Como era um caso atípico a coordenação pedagógica com o diretor esperava que as aulas fossem o mais breve possível, os alunos estavam também muito revoltados por ter que estudar nas férias.

Em conjunto fizemos um plano de trabalho onde as aulas práticas tomariam a maior parte do tempo visto que os alunos estudariam pela manhã e tarde.

Pela manhã passei a primeira semana os conteúdos impressos com atividades em forma de questionário para retirar dos textos.

Durante a tarde as atividades estavam voltadas a pinturas e desenhos, essa prática atingia as turmas de 5ª e 6ª series. Para os alunos da EJA fizemos a manutenção e pintura da escola.

O diretor comprou todo o material, lixamos e passamos massa nas paredes internas, pintamos e fizemos em cada sala algumas obras de artes como representação das passagens locais e imagens voltadas ao meio ambiente.

Montamos murais de boas-vindas e limpamos a biblioteca.

Usávamos todo o dia, pela manhã e tarde com turmas de 5ª e 6ª series e tarde e noite com as turmas da EJA. Em aulas alternadas.

Decidi com a coordenação e o diretor usar os sábados e nesses fazia com as turmas de 5ª e 6ª series um ensaio fotográfico, saímos fotografando aspectos positivos da cidade de Pracuúba e isso foi muito importante.

Uma coisa que percebi em todos os lugares por onde passei, desde a Vila de Santo Antônio da Pedreira até o último lugar que lecionei em Vitória do Jarí é que as pessoas em especial os jovens têm dificuldade de valorizar os seus espaços, sua cidade e isso interfere na formação de uma identidade. Eles chegam a ter vergonha de suas origens. Procuro explorar esse lado justamente pensando no fortalecimento de uma identidade e de pertencimento.

Os jovens não se sentem representados e nem sempre acolhidos em seus lugares, como se fosse um segundo plano, não são crianças e tão pouco são adultos. Eles querem se sentir parte de alguma coisa e percebi ali essa necessidade.

Quando saímos pela cidade de Pracuúba para fazer as primeiras fotos eles já estavam felizes e engajados a fazer a melhor imagem. Era dia 20 de janeiro, dia de festa na cidade, pois a festa era de São Sebastião o padroeiro de Pracuúba e lá a festa é feita na casa de uma moradora antiga, promessa de família a mais de 50 anos.

O ensaio fotográfico se transformou em um álbum que ficou na escola, nem sei se ainda existe, neste álbum tinha além de fotos poesias, frases e letra de músicas locais além de descrições de aspectos históricos e turísticos da região.

Todo o trabalho terminou no mês de fevereiro.

Foi um trabalho intenso e muito cansativo, mas aprendi que um aluno motivado é capaz de se superar e tive de contar com a motivação, pois tirar as férias para estudar não é tarefa fácil e a valorização do professor ao local onde trabalha faz muita diferença.

Falar de identidade e cultura no interior do Estado é muito importante, porque as pessoas que ali estão não estão isoladas como se pensa, através da internet e das redes sociais elas entram em contato com outras culturas e saberes, elas interagem e absorvem também, os jovens muito mais. Cheguei ouvir de um jovem que ele não tinha o que falar do Amapá e nem da cidade dele.

Quando mostro a diferença que tem um local para outro, de cultura afro-brasileira para a cultura ribeirinha e como se dá o processo de festas religiosas, os locais maravilhosos e paisagens que só pertence àquele lugar os jovens ficam maravilhados. Enfatizo o local que cada um pertence e suas maravilhas... se tivesse continuidade, porem sempre tenho de deixá-los sem saber do “e depois?”

Memórias de Pracuúba, para a amiga e professora, mais uma viagem de uma professora sem licenciatura.

Essa experiência no município de Pracuúba me colocou em uma nova prática educacional que é o projeto. Pois para desenvolver as atividades aqui descritas, partimos para a construção de um projeto de dinamizasse a aprendizagem e desse sentido a esta.

Para o Educador Fernando Hernández em entrevista à Nova Escola (2002), “Os projetos de trabalho tentam uma aproximação da escola com o aluno e se vinculam muito à pesquisa sobre algo emergente”.

Nesse sentido, nosso projeto tentava a partir da arte visual, através de pinturas, desenhos e fotografia se aproximar das vivências locais dos estudantes.

O ensino de arte a partir dos projetos de trabalho colaboraram para que os alunos criassem um vínculo com a escola e deram significado ao aprendizado daqueles alunos.

“A prática pedagógica é uma dimensão da prática social, a qual pressupõe a relação teoria-prática, condição necessária para sua realização, devendo levar em conta a realidade concreta onde a escola se insere, seu contexto social”. (MAIA, et al. Didática: organização do trabalho pedagógico. 2009 p.20)

A partir dos projetos de trabalho, podemos conhecer a realidade dos alunos de Pracuúba, construindo com eles um ensaio fotográfico onde levantamos aspectos da natureza local, com o lago que toma conta da frente da sede do município, a criação de búfalo na região, as histórias, pessoas e todo o entorno da escola. Também utilizamos da pintura de murais dentro do prédio da escola e nas salas de aula.

Capra afirma: “Para que uma imagem renove o pensamento e dê algo a conhecer em processos educativos, é preciso criar condições para saber-se olhado e concernido, habitando os espaços vazios da imagem durante um tempo (como o modelo habitava o tempo da pose da foto antiga). Se pudermos penetrar nessas fendas, poderemos superar a crença irrestrita na visão, na representação e na supremacia da linguagem sobre o olhar”. (CAPRA, 2015. p.8)

Nesse sentido, pretendi deixar a conhecer através das imagens fotográficas e pinturas trabalhadas a partir da produção do projeto, a realidade local do município de Pracuúba destacando suas belezas naturais e a tradição pecuária e religiosa da região. Acredito que a escola tem essa função social de promover a valorização da sociedade em que se insere.

10. NOVOS CAMINHOS

Recordações 9

Macapá 25/07/2020

Quando terminei as aulas no Pracuúba era tempo da volta as aulas no Amapá, a notícia boa é que ficaria só na escola Veiga Cabral que abriu suas primeiras turmas de fundamental II.

Eu sempre me senti muito bem acolhida por todos na escola Veiga Cabral, tenho até os dias de hoje um carinho enorme pelas duas diretoras do período em que estive lá, professora Neuza Abreu e professora Sueni Brito e pelos colegas de trabalho que fiz durante estar lá.

Foi no ano de 2013 que comecei a usar o laboratório de informática – LIED nas aulas do ensino de Jovens e Adultos.

Minha primeira experiência contou com a colaboração do professor Paulo da Mata, responsável pelo LIED, era para os alunos fazerem de forma simples um cartão para o dia das Mães com mensagens feita por eles. A dificuldade é que as escolas utilizavam, acho que até hoje utilizam o sistema Linux ao qual tanto professores como os alunos têm certas dificuldades.

Quando aprenderam a operar o sistema para a montagem dos cartões estava tudo bem, mas para inserir as mensagens os alunos passaram a se emocionar e muitos choravam e outros nem conseguiam falar... mãe é um ser tão precioso, muitos deles eram jovens delinquentes, e escrever para a mãe mexeu profundamente, não é como as crianças que ficam felizes.

Fiz outras tentativas de usar o laboratório com a professora Sueni, mas não tive êxito, a proposta era falar dos problemas sociais do lugar onde moravam, eles não percebiam os problemas e quando percebiam não queriam expor. Passamos um mês tentando até desistir por completo do projeto.

Na escola Veiga Cabral eu adquirir uma rotina de trabalho. Chegava na sala, copiava o conteúdo no quadro. Sentava para corrigir as atividades caderno por caderno dando visto. Levantava e explicava o conteúdo e passava uma nova atividade. Era bem tradicional esse método, mas percebia que os alunos ficavam mais a vontade e também tinham o limite de conversa e de uso da aula era cômodo para mim e para eles.

Nos anos que estive na escola Veiga Cabral, pude acompanhar os estudos em artes visuais da minha amiga Anne Katiuscia Benoit e achava o máximo a forma que ela falava, ela era a pura empolgação com o curso de artes visuais. Sempre a achei uma grande profissional e mais interessante ainda era quando ela citava a professora Dr^a Silvia Marques e hoje estou aqui escrevendo para você, minha querida.

Hoje entendo a empolgação da Anne Katiuscia Benoit. Na escola Veiga Cabral permaneci até julho de 2015.

Os maiores desafios enfrentados nesta escola foram com ensino da EJA.

Tive de lidar com jovens problemáticos e descobri uma chave muito importante para lidar com a rebeldia, o afeto é a chave, a aproximação, se identificar com o professor, com as pessoas em volta.

Minha maior perda nestes anos foi o suicídio de um aluno. Acompanhei a dor da família e a minha própria dor, pois ele era próximo, ótimo aluno.

No Amapá havia um fenômeno na EJA em especial, os pais se matriculavam para acompanhar os filhos, estudavam na mesma sala, as vezes havia cinco ou mais da mesma família.

Havia entre os alunos aqueles que se destacavam pelos desenhos e pinturas, muito antes de mim outros professores exploravam essas habilidades para promover aulas mais dinâmicas.

No município de Amapá, as escolas promovem eventos muito bonitos, parece verdadeiros espetáculos, tanto na vestimenta como em coreografias diversas, além de cenários bem preparados. Os desfiles são verdadeiras alegorias, musica também faz parte da produção local, pena que não se é dado o devido valor.

Nos eventos escolares toda a comunidade participa, costureiras e artesãos locais tem seu espaço junto aos alunos e a escola. Há eventos pra todos os gostos, religiosos, folclóricos, esportivos e sobre meio ambiente. Antes dos eventos são feitos encontros e reuniões e delimitado um período, no geral uma semana para apresentar as turmas todos os fundamentos do evento. Um exemplo, a páscoa é apresentada a história, fundamentos religiosos, símbolos e todo que se puder explorar sobre a páscoa.

No decorrer das aulas, certo dia tinha de trabalhar os sólidos geométricos e já estava cansada da aula de apenas apresentação então resolvi fazer um desafio, a construção de sólidos geométricos. Começamos com papel e modelos de caixas de

perfumes. A aula foi evoluindo e um aluno trouxe um balão de são João feito de talas de buritizeiro, um trabalho muito bonito, que pelos anos que estive na escola foi se repetindo a cada festa junina.

Fui retirada da escola no mês de julho de 2015 e fui para Oiapoque no mês de agosto do mesmo ano. Nesse mesmo ano comecei a cursar artes visuais EAD pela UNIP.

Memórias dos quatro anos que passei no Amapá. Para professora e amiga querida.

Como é bom ver a comunidade envolvida nas atividades escolares, isso porque a escola também abre esse espaço, as aulas ficam melhores, todos se sentem valorizados e prestigiados nas suas habilidades. Participar desses eventos onde a escola e a comunidade participam juntas é significativo tanto para mim quanto professora como para os alunos que podem expor o que aprenderam e suas interações com o meio escolar e comunidade.

(MAIA Et Al 2009 p.22) “O ato de ensinar exige intervenção no mundo, o que pressupõe um professor situado como sujeito sócio-histórico e cultural”.

Ferraz e Fusari (apud CASTRO et al) asseveram o valor da arte para a humanidade desde o seu aparecimento, atribuindo a ela, também, o fator do seu desenvolvimento já que devido a mesma o ser humano caminhou no seu processo de civilização, tendo participação ativa nesse percurso. Para as autoras, a arte também é um meio de entendimento do homem para consigo próprio, para com o outro e para com o meio em que vive. (CASTRO, Ariane Silva; Sanches, Glaucimar Carlos; Ortega, Rigoberto DelValle. 2014 p. 232)

Nesse sentido, observo que as práticas de ensino em artes visuais, onde meus alunos puderam interagir com a comunidade e apresentar suas criações foram de suma importância para estes se sentirem valorizados e acolhidos e o mesmo se deu com a comunidade.

Em entrevista a Revista Nova Escola, o Educador Fernando Hernandez diz; “A escola, como toda instituição social, tem de dialogar com as coisas que estão acontecendo. O mundo atual não é igual àquele de quando nós ou nossos pais frequentaram a escola, portando os processos de globalização da informação e comunicação implicam que a escola reflita sobre sua função e seus objetivos. A escola tem de ser uma instituição que pensa constantemente nos saberes do passado que precisam ser recuperados, resgatados e conservados, além de agregar o presente (<https://emjardimpioneiro.webnode.com.br/news/entrevista-com-fernando-hernandez/>)

Nesse processo de dialogar com as coisas que estão acontecendo e o mundo globalizado observo que as escolas de municípios pequenos com muito esforço

tentam se manter atualizadas, porém se na capital do Estado do Amapá ainda hoje a internet é precária, imagine o esforço na zona rural. Por isso, ainda vejo no ensino de artes visuais uma disciplina que “pensa nos saberes do passado” como fala HERNANDEZ, porém que deve não só preservar, mas dialogar como forma de valorizar o conhecimento e “agregar ao presente” isso se dá a partir de um fortalecimento da identidade do sujeito, seja este aluno ou professor”.

11. APRENDENDO E ENSINANDO EM OIAPOQUE

Recordações 10

Macapá 10/08/2020

Esta carta refere-se aos momentos vividos como professora na última ou primeira escola estadual do país. Escola Duque de Caxias em Clevelândia do Norte, área militar, distrito de Oiapoque.

Trabalhar em uma escola em área militar tem muitos desafios, o primeiro é que você é revistado ao entrar no distrito e ao sair. Depois tudo o que se pretende fazer deve ser levado ao comando militar para ser aprovado.

No período de seis meses em que estive em Oiapoque, a escola Duque de Caxias não era uma escola militarizada, hoje ela se tornou uma escola militarizada.

Outro detalhe importante é que a escola só funcionava durante o dia para o ensino fundamental II, e no distrito era proibido a construção ou reforma das casas antigas de ex soldados ou civis. O que nos impedia de morar próximo a escola.

A escola recebia no geral alunos do distrito e alunos expulsos das escolas de Oiapoque por insubordinação. Mas confesso que não os achava tudo isso, até o dia em que um deles perturbou tanto na hora de uma atividade avaliativa que eu tive de tira-lo da sala e o bendito foi até o diretor que era homossexual disser que o chamei de “veadinho”.

O diretor entrou na sala furioso trazendo junto o secretário e o aluno e eu sem saber fiquei esperando o que diriam, ainda bem que a própria turma explicou a situação e eu disse que ia processa-los por constrangimento.

Ganhei uma semana de folga pra me reestabelecer, pois fiquei aos prantos.

A realidade é que a escola estava sem professor de artes visuais há muito tempo, dada a distância e se eu saísse ficaria mais difícil ainda.

Em Clevelândia do Norte tive de me superar, pois além das aulas normais que deveria ministrar em seis meses, havia a lacuna de vários anos, que o pedagogo me propôs começar pela 5ª série e ir evoluindo nos anos seguintes.

O que não aconteceu porque decidi retornar a Macapá, era impossível viver em Oiapoque com o salário de professora do contrato administrativo.

As aulas eram dadas em apostilados e atividades, havia também aulas práticas com modalidade de artes manuais como a fabricação de bancos e poltronas de pneus

e pintura desses. Além de pintura em telas alternativas adaptadas em aros dos tambores da banda de música da escola. Conforme eles trocavam a superfície do instrumento os aros eram descartados e eu juntava e costurava panos de saco, passava a massa corrida e tínhamos os quadros circulares para aulas de pintura em tela.

Minha dedicação àquela escola foi total, só sobrava tempo pra dormir.

Avaliava tudo o que passava, podia ser até as perguntas e respostas feitas em sala de aula, tudo valia ponto.

Foi muito difícil trabalhar de manhã e tarde todos os dias pensando em concluir carga horária, todos os sábados eram letivos e os eventos também contavam ponto e carga horária.

Concluir o ano letivo em Clevelândia do Norte em janeiro de 2016.

O prejuízo foi às aulas EAD de artes visuais que fazia pela UNIP, pois com a falta de internet me prejudiquei em algumas disciplinas.

Ao retornar a Macapá, tentei entrar pelo vestibulinho na UNIFAP, e consegui, porem as aulas só começaram em outubro de 2016.

Memórias destinadas a amiga e professora querida.

Foi um processo de mudança brusca sair do município de Amapá e ir trabalhar em Oiapoque no Distrito Militar de Clevelândia do Norte. Na realidade não tive tempo para conhecer a realidade local e nem para me adaptar a nova realidade. São muitos os desafios a ser superados, que vai desde o acolhimento e relações de trabalho até a distancia, pois tudo tornou-se mais difícil e longe.

Depois, teve a questão do ensino aprendizagem, para alunos que há muito tempo não tinha professor de artes, tudo novo, nova realidade, novos desafios.

“Delinear as características de um professor ideal ou de uma educação melhorada não é tarefa fácil. Essas qualidades devem ser adaptáveis ao período histórico, à realidade da escola, ao tipo de ser humano que se deseja formar, àquilo que influencia no conhecimento do entorno da escola e dos saberes a ele atrelados; devem ser adaptadas às necessidades socioculturais, econômicas e tecnológicas advindas da globalização...” (Maia et al 2009 p. 34).

Mas me pergunto: “como seria o professor ideal frente a tantas mudanças no cenário escolar?” “Como o ensino de arte poderia contribuir para a aprendizagem de alunos tão “excluídos” do processo?” falo excluídos por passarem tanto tempo sem professor de artes e por muitos que estudavam na Escola Estadual Duque de Caxias por não serem mais aceitos nas escolas da sede do município de Oiapoque.

Essa prática de exclusão por insubordinação não encontra amparo em nenhuma lei, não sei até hoje porque isso acontecia em Oiapoque em 2015.

Pensando em responder os questionamentos acima posso falar da arte na dimensão criadora, onde o aluno pode ser estimulado a participar e expressar através do fazer artístico suas emoções e percepções do ambiente em que vive.

Para QUADROS (apud ARAUJO e OLIVEIRA 2015 p.8) “[...] estimula a inteligência e contribui para a formação integral do indivíduo, sem ter o foco na formação artística em si, por essa razão pode-se considerar que a arte se coloca como um trabalho educativo importante para a dimensão humana”.

“A arte é um conhecimento interdisciplinar. Além de proporcionar conhecimento para todas as áreas, ela contribui e traz significado para o ensino e aprendizagem na educação escolar. A arte é produção essencialmente humana e, portanto, é importante na escola”. (ARAUJO e OLIVEIRA 2015 p. 14)

Nesse sentido, o trabalho do professor de artes é essencial nas Escolas, mesmo as mais longínquas como a Escola Estadual Duque de Caxias, pois colaboram para o desenvolvimento do senso crítico e criativo dos alunos.

12. EXPERIÊNCIAS E ENCONTROS

Recordações 11

Macapá 11/08/2020

Quando cheguei a Unifap em 26 de outubro de 2016 achava que ia ser fácil e que já tinha experiência suficiente de sala de aula e leituras, afinal faltava apenas um ano para concluir o curso de artes visuais pela Universidade Paulista – UNIP EAD.

Pobre de mim, ao ter que reconhecer que a UNIP trazia uma proposta diferente de ensino, enfatizado na prática docente mecanicista, sem pensar realmente o ensino da arte, mais focada no que e como ensinar.

Os textos e propostas na Unifap me abriam a mente pra o que realmente significa ensinar arte, arte é subjetivo, como ensina-la, como dominar e levar adiante um ensino tão único. Havia ainda minhas experiências de sala de aula, que em um primeiro momento era de conceituação e definição do que é a arte, o que é o artista, o que são os movimentos...

Depois havia as práticas e a tentativa de aproximar o ensino de artes das vivências socioculturais de meus alunos, buscando suas lendas, crenças e modos de vida. Adiante me vi desafiando os alunos a produzir a partir de materiais alternativos sólidos geométricos, máscaras e tudo o mais que se apresentava no programa de ensino de artes visuais da SEED e dos PCNs.

Porém, foi só depois de tudo isso que entendi a partir de leituras dirigidas e diálogos com professores da Unifap que percebi que durante o tempo que ministrei aula e que estudei, algo tinha mudado. Percebi com o tempo que eu direcionava e dava as respostas conceituando e definido tudo, tirando do meu aluno o direito de articular o conhecimento e dele fazer suas próprias impressões e expressões.

Percebi que podia ter trabalhado dando as características de determinado assunto e buscando construir com eles novos rumos. Que a construção de um entendimento se fundamentasse nas experiências deles articulada a teorias. Talvez tenha tido essa percepção tarde demais, não estou em uma sala de aula de artes visuais desde 2016 e não sei se retorno um dia.

Hoje em meio à pandemia e a expectativa do retorno às aulas da Unifap tenho experimentado da angustia de me sentir inútil e de ainda ter pela frente 17 disciplinas para cursar em meio a toda essa incerteza que se tornou minha vida.

Hoje olho mais para o passado, o presente é um dia por vez e o futuro tão incerto.

Espero que essa última carta chegue a você amiga como algo útil para repensarmos o que faremos daqui pra frente.

Obrigada por ler meu desabafo, até breve.

Pensar a arte em todo seu processo e desenvolvimento no decorrer da história cronológica até os dias atuais, entender sua dinâmica de transformação de processos manuais de criação da imagem até a produção tecnológica e a disseminação da imagem nos dias atuais, me faz rever a posição do professor de Artes Visuais no processo de ensino aprendizagem, pois o visual é tão dinâmico quanto à apropriação de conhecimento. A arte também contribui para a reflexão sobre o que diz a imagem e para o processo de formação de sujeitos críticos e articulados em seu meio social.

A BNCC quando trata do ensino de artes, aborda a formação de sujeitos críticos e afirma:

“O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.” (BNCC p.193)

13. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre trajetórias ensino de artes visuais e a BNCC: algumas considerações

As histórias contadas até aqui me trazem para os bancos da universidade. E nesse movimento trago para as considerações finais essa interação formativa da trajetória de vida e os anos que passei na universidade com o destaque a novos horizontes apontados pela Base Curricular Comum para o ensino de arte. Espécie de relato e seguindo a compreensão de pesquisa qualitativa com intenção etnográfica da memória.

Essas considerações abrem outras possibilidades de entender-se como professora de artes visuais e pensar acerca da prática educativa, mas sobretudo acredito que fazer essa trama que aciona os trajetos de vida e a formação docente considera as legislações vigente atuais endereçadas a educação, processos de construção de nossas visualidades que fundam o pensamento e os modos de entender-se e instituir-se docente em artes visuais.

Durante o ingresso na universidade federal do Amapá – Unifap, em 2016, o que mais se falou e temeu-se foi a aprovação da BNCC que trata de novos modelos curriculares obrigatórios para o ensino em sua totalidade no Brasil.

Para entender o que é a BNCC, deve-se compreender que é um documento norteador e obrigatório previsto pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB e pelo Plano Nacional de Educação – PNE.

Essas impressões não tem a intenção de formular crítica de certo ou errado; visto que como futuro docente do ensino de artes meu papel nesse contexto é analisar e assimilar o que a Base Nacional Comum Curricular me transmite para que no futuro possa como professora garantir o melhor desempenho de meus alunos, desenvolvendo suas “competências e habilidades” como prevê a BNCC.

Para essa breve análise, li alguns textos, do qual faço uso, entre eles a própria BNCC, o artigo crítico de José Roberto Pereira Peres “Questões Atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da arte na Base Nacional Comum Curricular”, onde o autor critica a BNCC e afirma que está... “enfraquece a posição da arte no currículo escolar, configurando-se como um retrocesso de todas as conquistas desse campo disciplinar.” (PERES, Questões Atuais do Ensino da Arte no Brasil. p.25).

Outro artigo que considerei importante para construir minhas impressões sobre como compreender a dimensão sociopolítica e pedagógica na formulação da BNCC foi Basil Bernstein “A Pedagogia do Conhecimento: estudo sobre recontextualização”

Apesar do artigo de Bernstein ter mais de dez anos, ele traz em si uma reflexão que fala da recontextualização de conceitos relevantes no discurso da formulação da BNCC, que são os conceitos de “Competência e Desempenho” que tomou conta da pedagogia dos anos 90 até a atualidade.

Ao ler o texto de Peres, observei que as críticas a BNCC apresenta certa intolerância a mudança, que a meu ver é necessária. Acredito que muitas vezes a mudança pode ser bem vinda, mesmo em contexto de dificuldades e redução de espaço político educacional e até mesmo de deslegitimação do ensino de Artes visuais, devemos promover a partir dessas mudanças algo positivo, como dissemos aqui no Norte do Brasil “tirar leite de pedra”, pois as dificuldades já estão impressas, a nós resta o desafio de torná-la possível. Sair da zona de conforto, buscar adaptar-se aos “velhos novos modelos de subalternidade” é o que sempre se fez e faz na educação.

Propostas e projetos criados fora do olhar do docente e colocado a estes como desafio, sempre aconteceu em todas as partes do planeta, nessa profissão a adequação faz parte do processo contínuo do desafio da relação docente – conteúdo - discente – aprendizagem.

Observamos com mais clareza agora em que passamos pelo desafio das aulas online aqui no Amapá, onde possuímos um dos piores acessos a internet do país, tendo que articular aulas síncronas e assíncronas e tentar manter em caráter urgente um ensino que seja apropriado ao momento atual.

Ao falar do artigo de Bernstein, no qual o conceito de “competência” é trabalhado conforme as ideologias liberais dos anos 60, no qual os teóricos da época promoviam uma postura antipositivista e que se caracterizava em um conceito de competência ter raízes diferentes e até opostas. Em suma, os conceitos de “competência e habilidade” está sempre vinculado a uma leitura temporal, pois a cada necessidade sociopolítica de manutenção de poder e da ameaça a esta manutenção das classes dominantes, haverá em resposta novos diálogos e recontextualização pedagógica desses conceitos.

Porém, além da necessidade de manutenção de poder, podemos observar outras necessidades a ser suprida; como a abertura de novos mercados, a conjuntura política, também promovem mudanças nos conceitos chaves para o desenvolvimento de modelos educacionais ditos “necessários” para recontextualização desses conceitos no campo da pedagogia.

De acordo com a Lei nº 13.415/2017, que altera a LDB, empregasse dois termos distintos para se compreender as finalidades da educação, que são as competências e habilidades. De acordo como o artigo de Bernstein o conceito das duas nomenclaturas pode ser compreendido como Competências – Saber (conhecimento, desenvolvimento intelectual) e Habilidades – Fazer (solucionar problemas, desenvolvimento manual).

Referente aos currículos, a BNCC pontua que tanto a LDB quanto as Diretrizes curriculares Nacionais – DCN, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. Nesse contexto apresenta decisões “(...) que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos” (BNCC p 14). Ainda afirmando que tais decisões resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade.

A introdução do documento da BNCC conclui informando que deve haver um esforço participativo dos entes federados e descreve as competências da União, Estados, Municípios e Distrito Federal.

Quanto a sua estrutura, a BNCC apresenta as “competências que os alunos devem desenvolver ao longo de toda a educação básica e em cada etapa de escolaridade com expressão dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes.

Ainda na estrutura, a BNCC no quadro que trata da Educação Básica – Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) o ensino de Artes, que é o que nos interessa, aparece no campo das linguagens junto com Língua portuguesa, Educação física e Língua inglesa. (BNCC p. 25).

Ao tratar do ensino de Artes nos anos iniciais do Ensino fundamental a BNCC, descreve o processo de aprendizagem por campo na Educação infantil e afirma que

nesta nova etapa “o ensino de Artes deve assegurar ao aluno a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo por meio da ludicidade”. Entretanto, as impressões, expressões e técnicas que apuram o fazer investigativo é substituído pela ludicidade. Me pergunto: “Será que só a ludicidade será capaz de estimular a expressão criativa e o fazer investigativo”?

O documento no que se refere ao Ensino de artes, fragmenta a arte em etapas, considerando o que deve ser ensinado do primeiro ao quinto ano – Artes visuais e dança, música, teatro e artes integradas, (considerando em um quadro referenciado as Habilidades a ser promovida).

Quanto ao Ensino de Artes, no Ensino Fundamental, Anos finais, o documento afirma que:

“No Ensino Fundamental – Anos Finais, é preciso assegurar aos alunos a ampliação de suas interações com manifestações artísticas e culturais nacionais e internacionais, de diferentes épocas e contextos. Essas práticas podem ocupar os mais diversos espaços da escola, espraiando-se para o seu entorno e favorecendo as relações com a comunidade. Além disso, o diferencial dessa fase está na maior sistematização dos conhecimentos e na proposição de experiências mais diversificadas em relação a cada linguagem, considerando as culturas juvenis.” (BNCC p. 201).

A BNCC apresenta uma mudança estrutural significativa no Ensino Médio, argumentando que a Lei nº 13.415/201755, estabelece no Artigo 36 que está formulará o Currículo do Ensino Médio.

No Campo destinado ao Ensino de Artes no ensino Médio, este é tão negligenciado que não encontrei em nenhuma referência na BNCC, modos de aplicar ou dialogar com este componente sendo que a semiótica tão discutida pelos estudiosos da arte, aparece em conteúdo do ensino da língua portuguesa e assim como a poesia, literatura e demais movimentos socioculturais de relevante representação artística, discutidos pelas duas disciplinas de linguagens.

Como futura professora de artes visuais entendo que a arte não é só linguagem, ela comunica, porém, vai além do comunicar, porque ela produz, cria e propõe reflexões sobre o mundo a nossa volta a partir de códigos diversos impressos em imagens também diversas.

Considerações acerca do Ensino de Artes e sua importância para práticas sociais sensíveis e motivadoras.

O ensino de arte em todo seu processo de aplicação, ampliação e desenvolvimento desde seu início, sempre se mostrou como um auxiliar de outras disciplinas, porém nunca na história foi desvinculado da prática educativa reflexiva.

Nesse processo reflexivo, quero trazer aqui uma análise da importância do ensino de arte, muito além da prática pedagógica; para isso, quero falar de processos, que os grandes estudiosos e doutores de artes e da pedagogia podem contestar, mas a meu ver são lembretes da história do processo de conhecimento e habilidades promovidos pela arte, seja como linguagem, poética, ação ou até mesmo no campo da matemática.

A arte quanto produto, quanto ação e quanto ensino dialoga com o mundo e com seus diversos saberes (conhecimentos) e práticas (habilidades). Das formas geométricas desenvolvidas por Platão (sólidos geométricos) a Expressões existentes na arte moderna e contemporânea (os quadros que retratam a história nos diversos períodos – O grito, comedores de batata, funeral e até o mulato) referenciam a literatura, a história e a geografia. Contribuições de artistas renomados como Leonardo da Vinci no estudo e desenho de anatomia humana, colaboraram para o desenvolvimento dos mais diversos campos de ciência, e a criação dos primeiros protótipos de helicóptero também de Da Vinci; Santos Dumont não faria o 14 Bis só com linguagem e poesia, a tecnologia de uma forma ampla se alimenta da visualidade.

Sou estudante de artes visuais, tenho limitações como ansiedade, depressão e toda a ordem de agonia emocional promovida pela vida contemporânea.

A arte para mim, quanto ser humano – controla minha ansiedade, desenvolve minhas habilidades motoras e reflexivas, me ajuda a viver em um mundo caótico onde vemos jovens morrendo sem esperança, onde o suicídio tornou-se uma prática comum e as drogas tornam-se refúgio das dores, que a arte bem pode ser refúgio.

Arte para mim ajuda a lidar com emoções explosivas. E eu quero sim a crítica da arte contemporânea que me ajuda a refletir sobre o que vivemos, as desigualdades, as disparidades as sociedades sobrepondo-se e aos questionamentos diversos. – Quando vejo isso refletido em imagens, penso na criatividade de quem fez. Isso!!!

Quero beleza também, suavidade, sintonia, coisas que me agradam de ver, ouvir, sentir.

Quando escolhi o curso de Artes Visuais sabia o que buscava, mas não esperava esse mundo conflituoso que iria enfrentar.

A arte é útil necessária sim, deve ser ensinada sim e deve promover a habilidade do indivíduo, pois pode salvar vidas, nem todos serão artistas, mas podem através da prática artística buscar uma forma de lidar com seu mundo, seus conflitos e sua existência.

Por fim concluo esse trabalho com a citação de Capra ao tratar dos fragmentos de memória de Benjamin (1993c) Trago pequenas ideias que ganharam vibração conforme mergulhava nas leituras dos autores, todas do espaço-tempo da memória que, trazidas ao presente, me olham de alguma forma.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gustavo Cunha. OLIVEIRA, Ana Arlinda; **O ensino de arte na educação de jovens e adultos**: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT). Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 679-694, jul./set. 2015.

BERNSTEIN, Basil. **A pedagogização do conhecimento**: estudos sobre recontextualização. Cadernos de Pesquisa, n. 120, p. 75–110, nov. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742003000300005&lng=pt&tlng=pt>.

Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base. Conteúdo em discussão no CNE. Texto em revisão.

CASTRO, Ariane Silva; Sanches, Glaucimar Carlos; Ortega, Rigoberto DelValle. **ARTE E CULTURA NA EDUCAÇÃO**: uma parceria imprescindível para aprendizagem. Revista Dialogo Interdisciplinares – GEPIFIP, Aquidauana, v. 1, out. 2014

CAPRA, Carmen Lúcia. **Sobre imagens e contato com imagens**. Revista da Fundarte, Montenegro, ano 15, n. 30, p. 73-84, jul./dez.

DAVIS, Angela. **MULHERES, RAÇA E CLASSE**. v.1. Boitempo, dez. 2016

Entrevista com Fernando Hernandez, Revista Nova escola. Disponível em <https://emjardimpioneiro.webnode.com.br/news/entrevista-com-fernando-hernandez/> 24/02/2020 as 18:05

GOMES. Alberto Albuquerque. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, **A PROFISSÃO DOCENTE EM CONSTRUÇÃO: EXPECTATIVAS E CONFLITOS DO “SER PROFESSOR** Perspec. Dial.: Rev. Educ. e Soc., Naviraí, v.3, n.5, p.161-180, jan.-jun. 2016

HONORATO. Cayo. **Arte, pesquisa e ensino em tempos de deslegitimação do Ensino das Artes**. Universidade de Brasília. Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 12, n. 2, p. 09 - 22 – mai./ago. 2019 ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/19837348377839>.

KANASHIRO , Barbara e Diego Marques. **CORPOS INCONFORMADOS**: Arte e Educação nas práticas artísticas contemporâneas. Disponível em https://www.academia.edu/37328597/Corpos_Inconformados_arte_e_educacao_nas_praticas_artisticas_contemporaneas. 10/10/2020 as 12:10

MAIA, Christiane Martinatti; Sheibel, Maria Fani; Urban, Ana Cláudia. **Didática**: organização do trabalho pedagógico. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

PERES. José Roberto Pereira. **Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular.** Revista Departamento de Desenho e Artes Visuais. Vol. 1, No 1 (1) > Peres

RAGO, Margareth. **Anarquismo e feminismo no Brasil: Audácia de sonhar. Memória e subjetividade em Luce Fabbri.** 2ª ed. Aumentada e revisada. Editora Achiamé. Rio de Janeiro 2007.

SOUZA, Fabiana Lopes. ZAMPERETTI, Maristani Polidori. **ENSINO DE ARTE E CULTURA VISUAL – MEMÓRIAS E AFETOS EM PESQUISA NA ESCOLA.** XI SEMINARIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO – ISSN 2219-6854 Movimientos Pedagógicos y Trabajo Docente en tiempos de estandarización.